

Entrevista com Juliana Jesus dos Santos, em Niterói 17 de novembro de 2004,
na casa da entrevistada
Entrevista realizada e transcrita por Ana Paula Cortes Pulcineli

FITA 1 - LADO A

Ana Paula: Aí, então, Ju, a gente podia começar, assim, com a sua família, um pouquinho da sua história.

Juliana: Bom, é, eu sou, venho de uma família, sou eu mais três irmãos, três meninos e, bom, nosso relacionamento é um relacionamento tranqüilo, com problemas igual a toda família. É, meus pais são separados, desde quando eu tinha 16 anos, então vai fazer uns 12 anos que meus pais são separados; mas o relacionamento com o meu pai também é maravilhoso. Eu vivo com a minha mãe e meus três irmãos e... mas o relacionamento com o meu pai também é chique, tudo tranqüilo, tudo na maior tranqüilidade. É, origem da família também é uma boa saber? [AP: Uh, hum.]

J: É, eu tive um contato, é até uma coisa que ficou muito marcado comigo agora nesses últimos 10 anos, que eu tive um contato maravilhoso com os meus avós [AP: É] pais da minha mãe. Porque assim, eu tive, eu não tenho mais, agora só tenho avó por parte de pai, que eu perdi minha avó, mãe da minha mãe no ano passado, mas, assim, eu tive um contato muito legal com os meus avós pais dela, é, vindos do interior, aquela coisa bem, né, de vó mesmo. Vieram de Bicas, que é pertinho ali de Juiz de Fora. E, aí meu avô, né, conheceu minha avó, aquela coisa toda e foram pra morar em Juiz de Fora, que o meu avô trabalhava numa tinturaria. E foram pra Juiz de Fora pra constituir família, aquela coisa toda. Minha mãe vem de uma família de 12 irmãos, ela e mais 11. Então, assim, minha família é uma família bem grande, bem grande, mas ninguém é abastado de grana, não, a família é uma família humilde mesmo, o meu avô sempre foi humilde, sempre foi pobre; minha família também é assim nesse nível. Agora, sim, eu falo que os netos que ‘tão fugindo à regra, porque agora nós que somos netos que ‘tamo correndo atrás de uma educação, né, ‘tamo procurando graduação, mas, assim, meus tios todos só têm até a quarta série, todos assim. Então, quer dizer, é, eu tive esse contato maravilhoso com a minha avó e com o meu avô e, tanto é, que eu tenho várias histórias. As meninas morrem de rir com as histórias assim, sabe, do arco da velha, aqueles ditos populares de mil novecentos e bolinha, porque eu convivi muito com eles. Eu até acho, às vezes, que eu podia ter aproveitado um pouco mais o meu avô, porque quando o meu avô faleceu, eu tinha 14 anos, então ‘tava naquela fase de descobrir mesmo. Aí que eu, quando eu perdi o meu avô, que eu falei: “Caramba, eu podia ter aproveitado um bocadinho mais, podia ter ouvido um pouquinho mais de história, de Saci”, que ele contava as coisas pra gente, que Saci vinha brincar com a, né, que a gente brincava assim, que essa porção de gente na família, então tinha muita criança, então era muito divertido. A gente brincando assim aí, né, com a criançada, aí aquela coisa, tinha aquela coisa, por exemplo, na Quaresma, depois de uma certa hora não podia mais pular, aquela coisa “Não, ‘tá na Quaresma, tem que respeitar a Semana Santa.” Eu fui criada muito assim, sabe? Semana Santa

realmente a gente não comia carne, não brincava, não pulava corda, não jogava bola, porque tinha toda aquela coisa do meu avô: “Não, não pode, é o respeito. Tem que ter respeito com Cristo, não sei o quê, não sei o quê.” Então ele vivia contando umas histórias pra gente, que Saci Pererê brincava com a gente, nossa, era muito engraçado. Umas histórias de mula-sem-cabeça, que ele tinha visto uma mula-sem-cabeça quando ele trabalhava. Gente, foi muito divertido! E assim, aí o meu avô faleceu, eu tinha 14 anos, meus pais ainda eram casados nessa época. E aí foi até nessa época, assim, que deu uma crise mesmo assim na minha família, né, do meu pai e da minha mãe. Hoje, que eu sou mais entendida no assunto eu vi que foi por conta de grana, por causa de dinheiro, assim, minha mãe achava que o dinheiro tava meio que sumindo, não sabia (no quê ?) o meu pai tava colocando o dinheiro, e não sei o quê, aí acabaram que se separaram. Mas foi tudo numa boa, uma separação tranqüila, e como a minha família, assim, um lado da minha família é muito tradicional nessa coisa de, ah, noivar, casar, tudo direitinho, então minha mãe não teve coragem de se separar do meu pai enquanto o meu avô não falecesse, até porque meu avô era, tipo assim, ele era bem rígido assim, né, na criação dos filhos, na criação dos netos, não tinha uma liberdade assim. Talvez até por isso eu não me aproximei tanto dele o quanto eu poderia, por conta dele ser muito, né, muito aquele negro, assim, ele era, o meu avô, ele era grandão, comprido, magro, com aquela cara assim bem séria, bem fechada. Então ele quando, né, eu tinha 14 anos, ele faleceu. Aí depois disso a minha mãe se separou do meu pai, e aí ela ficou muito ligada a minha vó, mãe dela, e nessa aí eu fui junto também, né, fui na aba de ficar muito próxima da minha avó. Aí a vó contava n histórias, assim, do meu avô, deles, o tempo de roça, histórias da minha mãe na infância, dos meus tios. Nossa, era muito, muito divertido.

Então assim, é, tive uma infância maravilhosa, por conta disso também, dessa coisa de ter esse convívio com a minha vó, né, aprender essas brincadeiras que ela brincava na época dela, né, com os meus primos, aquela coisa toda, e deixa eu ver mais o quê. Ah, é, minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha, minto, eu fiz, meu avô faleceu eu tinha 14, aí meu avô queria que eu fizesse uma festa de 15 anos, que eu esqueci de comentar, mas os meus avós são meus padrinhos de batismo, que ainda tinha aquela coisa, vai naquela coisa da tradição da minha família. Então o primeiro filho, eu sou a filha mais velha, então o primeiro filho tinha que ser dado pros avós batizarem, que tem isso, reza a tradição, né, que assim que tem que ser, então, eu fui batizada, eu sou a filha de avós também, né. E então o meu avô queria uma festa de 15 anos pra mim, e aí ele faleceu, minha mãe já tinha prometido a festa, aí que a festa seria na casa dele. Então a gente, minha mãe ‘güentou, até fazer meus 15 anos e tal, só que não foi nada tradicional porque eu não queria. Assim, 15 menino, 15 menina, acender vela, eu não queria nada daquilo. Eu queria uma festa, mas eu não queria dançar valsa, nada daquilo. Aí foi depois dos meus 15 anos, isso mesmo, que eles se separaram. Quando eu fiz 16 anos, eles se separaram. E aí, eu fiquei nessa ligação muito grande com a minha avó porque nessa época, é, nós morávamos no quintal da minha avó, porque assim, o meu avô comprou um terreno, e naquele terreno todos os filhos construíram. É lógico que não coube todo mundo, porque 12 filhos, não cabe todo mundo. Então assim, minha mãe casou primeiro, então a gente, quem foi casando

primeiro foi construindo. Então eu fui criada ali, naquele âmbito todo mundo embolado, junto, né. A casa da minha avó era a maior, a casa da frente, tinha a casa (que tinha em cima ?), a minha casa nos fundos, aquela confusão toda. Aí fiz a minha festa de 15 anos lá na casa da minha avó. Aí depois disso o meu pai “Tchau”, né, foi “Ó, não dá, não dá” e pronto. E foi uma fase muito interessante da nossa vida porque, assim, meu irmão até fala, muito engraçado: “Pois é, depois que pai se separou da mãe, a gente ganhava tudo.” A gente tinha presente de aniversário todo ano, porque aí acho que ele queria, acho que ele não queria perder o laço, né, de ‘tá ali com a gente. Então, todos os anos, nos aniversários, levava a gente pra rua, pra comprar as coisas, pra fazer lanche, pra comprar presente, era uma maravilha. E, mais o quê? Foi nesse contato (da ?) minha avó, a minha infância, já falei um pouquinho, né, da minha infância, que foi super divertida, pulei muita corda, joguei muita bola. Joguei muita bola com os moleque na rua, adorava, adorava, adorava.

E, ah é, dos meus irmãos, né. Eu e mais três, eu sou a mais velha. Aí por conta dessa separação da minha mãe e do meu pai, eu comecei a também, né, a ajudar minha mãe, né, assim, a cuidar dos meus irmãos. Meu irmão mais novo praticamente eu que criei, assim, porque eu trocava fralda, eu que levei, é muito interessante, as meninas morrem de rir, por conta que eu sou muito coruja com ele, talvez por conta disso. Que quando a minha mãe se separou ele ‘tava com um ano, eu acho, se eu não me engano. Um ano, dois anos, uma coisa assim. Então, eu que, sabe, dava mamá, eu que trocava fralda, quando ele foi pra escola a primeira vez, fui eu que levei. Primeiro dia na escola, (tive ?) que ficar sentado lá na cadeirinha, porque ele chorou, chorou, chorou. Aí tive que ficar sentadinha lá na cadeirinha, lá com ele, até ele se acostumar, aquela coisa toda. Então, assim, eu tenho muito contato, sou muito ligada com esse meu irmão mais novo também por conta disso. Então eu comecei a acompanhar, é, é, essa coisa de família, de cuidar de família, porque aí ficou só minha mãe cuidando de quatro filhos, eu era a mais velha, mais três meninos, que eram mais novos. Então, com 15 anos, eu comecei a me, a criar um pouco de responsabilidade com essa coisa de casa, de ‘tá fazendo comida, de ‘tá levando na escola, porque aí a mãe teve que trabalhar fora, pra poder, é, ajudar na renda, porque com o dinheiro que meu pai mandava, não dava, não dava pra sustentar a gente. Até porque nós estudávamos em escola particular, na época, então era um gasto muito grande. (Afinal?), vou ter que trabalhar pra poder dar conta. E aí eu comecei a me inteirar um pouco mais dessa coisa de família, né, de cuidar de irmão, de fazer mingau, ah, era muito divertido, de fazer mingau. Agora eu falo que era muito divertido, na época, era um ó, porque era a fase assim que ‘cê, pô, 15 anos, 16 anos, eu queria sair [AP: É], não queria nada, nada. Era aquela, cuidar do meu irmão, aí na hora que a brincadeira ‘tava boa, porque assim, eu, com relação a essa coisa de adolescência, eu entrei na fase de adolescente muito tarde, porque assim, eu aproveitei o máximo que eu podia a minha infância, eu jogava bola na rua até 15 anos. Aí, com 15 anos não tinha mais jeito, né, porque, poxa, eu sempre fui comprida, e assim, tudo bem que eu virei mocinha muito tarde, mas assim, poxa, não tinha mais corpo pra ficar jogando bola com os meninos na rua, com 15 anos de idade. Então eu comecei a me dar uma policiada, não sei o quê, mas, mesmo assim, de vez em quando, eu fugia da minha mãe e ia jogar bola com os menino na rua. Que eu fui muito, eu sempre fui muito moleca, muito

moleca, desde criança. Então eu tive esse contato, né, de tomar conta dos meus irmãos, e tal, de cuidar do meu irmão mais novo, e cuidar da casa, e tudo mais, isso com 16 anos.

E nisso, estudando, que eu nunca parei de estudar. Fiz meu, fui tudo normal, né, é, os meus estudos, nunca tomei pau. Tomei pau uma vez na 8ª série, 'tava com 14 anos, porque aí, aí porque nessa crise da minha família, foi por conta desse negócio de grana, meu pai parou de pagar a escola, parou de pagar o colégio particular. Por mais que nós, era um colégio pequenininho, todo mundo conhecia todo mundo, nós éramos íntimos da diretora, mas por mais que (ininteligível) pra diretora, chega um momento, bom, depois de um número x de parcelas de mensalidade não paga, "Olha só, seu Oscar, não vai ter jeito. Vamos ter que tirar os meninos da escola." Aí a gente teve que parar de estudar. E nessa de sair da escola, eu não consegui acompanhar, mesmo assim, no final do ano, eu voltei, os professores me deram a maior força, fiz as provas, mas aí eu não consegui passar em uma disciplina. Então, tive que repetir a 8ª série, mas meus estudos foram sempre assim, tudo tranquilo. Até a 8ª série, tomei pau, fiquei meio borocoxô, "Ah, meu Deus, nunca tomei pau." Aquela crise, que nunca tomei pau, aluna inteligente, não sei o quê, não sei o quê. Mudei de escola, que eu tomei pau... [AP: Particular?] É mudei pra uma escola particular, aí eu saí de uma escola particular de bairro e fui pruma escola mais no centro da cidade, que tinha curso técnico, porque aí nessa fase eu já tava pensando naquilo: "Bom, eu tenho que fazer um curso técnico pr'eu poder ajudar, pr'eu poder arrumar um emprego, pr'eu poder ajudar a minha mãe nas coisas de casa." E, nessa leva d'eu ter mudado de escola, eu fui pruma escola particular, né, continuei numa escola particular; os meus irmãos tiveram que ir pruma escola pública, porque aí minha mãe não tinha mais condições de bancar. Então a gente teve que se ajeitar lá, e conseguiu colocar os dois em escola pública, mas assim também, mesmo assim eles perderam um ano, porque não, eles não tiveram, não deu pra voltar, pra poder tentar acompanhar, porque nós paramos de estudar no meio do ano. Assim, vamos supor, o ano acaba em novembro, né, nós paramos de estudar em agosto. Então, assim, perdemos muita coisa, eu consegui voltar e tentar recuperar, mas não deu. Mas meus irmãos não puderam voltar, então no ano seguinte eles tiveram que ir pruma escola pública, e eu fiquei numa escola particular, é, terminei a 8ª série e ingressei no curso técnico de contabilidade no 1º ano, e eles ficaram dando seqüência na escola pública. E meu irmão mais novo, na época não estudava ainda, é, não estudava ainda. Ele ainda não estudava na época, ele 'tava com 4 anos, ele entrou na escola com 5 anos, não estudava ainda. Então, eu procurei essa escola por conta do curso técnico, pra mim depois poder enganjar num trabalho. Só que é lógico, também, 'cê não consegue emprego assim da noite pro dia. Mas, mesmo assim, continuei estudando, a minha vida na família 'tava tudo tranquilo, é, com relação ao convívio com o meu pai, era maravilhoso, com a minha mãe também.

É lógico, aos trancos e barrancos, porque a gente passou por uma dificuldade muito grande quando meu pai se separou da mãe, porque assim, a gente tinha um padrão, porque meu pai, eu devia ter falado isso antes, mas meu pai era funcionário da CEMIG, companhia de energia de Minas Gerais, mas uma empresa pública, então assim, não ganhava mal, entendeu? Até ele mesmo

fala isso hoje, que hoje em dia ele faz de tudo pra gente estudar porque, infelizmente, nós não vamos ter a mesma sorte que ele, porque ele teve sorte de entrar numa empresa que, na época, não era exigido aquela coisa de ter qualificação, então, assim, ele entrou pra aprender a profissão e continuou lá dentro, e conseguiu se aposentar lá dentro. Só que hoje, onde que você vai conseguir fazer isso? Entrar numa empresa sem saber nada, pra aprender e ainda conseguir aposentar nessa empresa? Então, assim, a gente tinha um padrão, que meu pai foi sempre muito assim, nunca me faltou nada, isso assim, é uma coisa assim que eu levanto a mão pro Céu, que a gente nunca passou falta de nada. Mas assim, é lógico, é, “Ah, pai, eu quero a boneca tal”, pô, não vai ter, entendeu? Não é assim que funciona também, porque ele sempre foi muito realista. E era muito engraçado, porque nessa coisa de morar todo mundo embolado, meu pai sempre foi assim: Natal, ele, à noite, pegava o presente e dava, “Ó, ‘tá aqui, eu ‘tô te dando.” E os meus primos, tinha toda aquela coisa, que o Papai Noel deixava, e não sei o quê, e meu pai desconstruiu isso tudo, porque ele desde o começo, assim, tanto que é muito engraçado, eu desde criança sabia que Papai Noel não existia, que Coelhoinho da Páscoa não existia, que era o meu pai que comprava o ovo, e que me dava o ovo, o presente, entendeu? Ele sempre foi muito realista. É lógico, tinha toda aquela fantasia, a gente montava árvore, e não sei o quê, mas não tinha aquela fantasia de Papai, sabe? Talvez até pra gente não ‘tá pedindo as coisas que ele não pudesse dar. Então ele sempre falava: “Ó, quem compra é o pai. Que que você quer?” “Ah, pai, eu quero escolher.” Ele levava a gente na rua pra escolher o presente, “Pai, eu quero isso.” Aí, ele, né, ele levava geralmente assim em outubro, né, porque aí pra poder entrar no orçamento do presente. Em outubro levava na rua e escolhia o presente, e não sei o quê. E eu sempre tive alguns privilégios por ser a única menina, então, né, eu tinha aquela coisa de “Ai, pai, eu quero isso assim, assim” Muito divertido, então era muito engraçado, porque aí todo mundo ficou assim, de boca aberta quando o meu pai, no primeiro Natal, assim, da gente, a gente já ‘tava entendendo das coisas, falou: “Quem dá sou eu.” Gente, caiu, assim, por terra, todos os meus primos, aquela (penca?) de criança, imagina, todo mundo: “Pô, meu pai me dá o presente, não é Papai Noel, e não sei o quê.” Foi uma coisa, foi super divertido assim nessa fase. Muito engraçado, meu pai contando, falando pra gente dessas coisas todas. E, aí, né, foi isso. Bom, negócio da família, não sei o quê. Eu ‘tô na escola, né? [AP: É] Eu tô na escola, você percebe que eu embolo, às vezes, o que eu vou falar... [AP: Tudo bem] Vou pra frente, venho pra trás, e tal [AP: Tudo bem].

Fui pra escola. Mudei de escola, fui pruma escola no centro da cidade, nessa época eu ‘tava com 15 anos, com 15 anos, 15 anos de idade, e era uma coisinha light ainda, ia pra escola, voltava pra escola, tudo normal. Não saía, nada disso, porque eu não me interessava por essas coisas. Eu tinha algumas outras tarefas, por exemplo, eu sempre fui muito enganjada na Igreja Católica, então na época eu era catequista, então, né, aquela coisa da Igreja, a minha avó adorava, adorava, adorava, adorava. Minha avó, minha avó, essa que é falecida, assim, que eu, que eu era mais ligada a ela, por incrível que pareça, tem uma coisa, eu falo até que eu sou uma neta meio assim, é, perdida com a mãe do meu pai, porque eu, por eu morar perto da mãe da minha mãe, a gente morava casa com casa. Eu dormia na casa da minha avó, entendeu? Então, eu

tinha muito mais contato com ela, e ela adorava essa coisa de ser catequista e não sei o quê, do grupo jovem. Então eu era tão enganjada com essas coisas, que eu não me preocupava com outras coisas, era só escola, catequese, e 'cabou. Mais nada, não me interessava por nada. Fiz até balé algum tempo, mas num, fiz uns dois anos de balé, mas num, não era aquilo que eu queria, não. Meu negócio era Igreja. Aí fiquei nessa escola, fiz a 8ª série, fui pro 1º ano, entrei pro 2º ano. Tive a sorte de conseguir um estágio no 2º ano de contabilidade. O estágio remunerado, que eu fiquei, assim, feliz da vida.

Aí foi a minha primeira experiência com trabalho, porque aí eu, eu consegui esse estágio porque o, o contador que me deu o emprego, ele era amigo da minha família. Ele era não, ele é amigo até hoje da minha família. Então ele sabia que eu fazia o curso de contabilidade, e ofereceu pra minha mãe, falou: "Olha só", chamou a minha mãe pra conversar porque aí meu pai já não morava mais com a gente, chamou minha mãe pra conversar, e falando que queria me contratar e tal, pra mim adquirir experiência, e não sei o quê, e ia ter uma grana. Ô, era tudo que eu queria. Entrei, aí foi a minha primeira experiência com trabalho, foi com contabilidade. Foi uma experiência assim super, super válida, porque além dele, de me passar essa coisa do profissional, é uma coisa que é assim até bom, seria até interessante falar, ele era um contador. Ele é negro, de família negra, assim um pouco mais, sabe, mais abastado assim. Então ele me deu uma, ele embutiu em mim uma consciência, assim, sabe, de me, me gostar como, sabe, como negra, como mulher negra e me deu uma consciência, assim, maravilhosa. Talvez nem ele saiba, é, a influência que ele exerceu em mim nessa fase, porque eu 'tava com 16 anos, então eu 'tava naquela fase ainda do "lh, o que que eu vou ser? Que mundo, sabe, que turma que é a minha?" E ele me embutiu isso de uma tal maneira que eu fiquei assim, maravilhada, ré. Então foi muito, foi muito válido essa minha experiência. Eu trabalhava com departamento pessoal, né, mexia com funcionário, que eu sempre gostei de mexer com gente. É uma coisa assim que eu me descobri, assim, quando eu fui catequista, eu mexia com criança, eu adorava. "Gente, mas não é só criança, acho que meu negócio é gente." Aí fui pro grupo jovem, adorava o grupo jovem, aquela coisa toda. Aí fui fazer contabilidade, primeiro porque era uma área que é, é, 'tava no auge, assim, dando emprego a rodo, né. Contador na minha cidade era, todo mundo 'tava querendo um. Então eu fui fazer por conta disso, que era mais fácil conseguir emprego e por conta que eu poderia me enganjar ali, pelo departamento pessoal, pra 'tá podendo mexer com gente. Aí trabalhei com ele dois anos, né, fazia serviço de, essa (participação ?) pessoal, folha de pagamento, essas coisas todas, e fazia serviços de mirim, assim, que eu adorava, adorava. Ir pra banco, e, e, fazer, ir em repartição pública, prefeitura. Fiquei amiga de todos na prefeitura, porque eu ia lá pedir, né, alvará pra fazer essas coisas, e, "mais aonde que eu ia?", Receita Federal, ixé, adorava a Receita Federal. E assim, e, foi um convívio muito bom, Ana Paula, por conta de você, eu conheci muita gente, sabe, eu conhecia muita gente. É assim, eu ficava à tarde, de manhã no escritório, fazendo serviço de escritório, porque aí eu, foi até uma coisa que eu tinha, é, que comentar. Eu fui fazer contabilidade e quando eu consegui emprego, eu tive que passar pro turno da noite. Porque até então, a minha vida toda, eu tinha estudado em turno diurno, sempre estudei ou de manhã, ou de tarde, sempre. Aí quando eu fiz, fui fazer o curso de contabilidade, eu tive que

fazer à noite, por conta que eu tinha arrumado emprego à tarde, né, de manhã e à tarde. E era muito legal, porque eu ficava de manhã no escritório; minha mãe, assim, achou uma maravilha, né. Porque assim, é, voltando a essa coisa da minha família, não tinha isso na minha família, assim. Meus tios são padeiros, padeiro, cozinheiro, minhas tias são, é, eram, né, agora tem umas mais assim, mas assim, minhas tias eram ou lavava roupa pra fora, ou era empregada doméstica, as minhas primas, as minhas primas mais velhas também tinham essa coisa, sabe, de empregada doméstica, não sei o quê e minha mãe sempre falou comigo: “Você não vai lavar roupa dos outros e não vai varrer chão pros outros. Você vai ser diferente.” Então quando eu fui fazer contabilidade, trabalhar num escritório... Nossa Senhora, meu pai ria de orelha à orelha, porque assim, eu fui o diferencial, sabe, eu saí dessa linha, daquela coisa de “Ah, tem que ser, lavar roupa...” Não, ih, não quero isso pra mim, e eu, e desde muito nova, era uma coisa que eu não queria pra mim. Eu nunca quis isso pra mim. Nem fazer isso pros outros, nem pra mim mesma, que eu também nunca quis aquela coisa de ser doninha de casa, “Ah, mãe, vou casar nova, lavar”; não queria isso pra mim. Então, aquela coisa de eu ter feito contabilidade, trabalhar num escritório, foi o auge, foi a glória da minha família, né. Minha mãe, uma coisa. Eu sempre fui meio que, assim, o xodó, sabe, da família, assim, de, é, por conta da minha avó eu sempre fui aquela, é, aquela acobertada, assim, né, pela minha avó. E meu pai e minha mãe sempre tiveram xodó muito grande comigo, por conta de eu ser a única menina, também né, a filha mais velha e a única menina; então, tem aquela coisa especial. E, e eu sempre fui muito comunicativa, assim, mesmo quando a família tem problema, assim, um não conversa com o outro, não sei o quê, mas eu sempre conversei com todo mundo, eu sempre me dei com todo mundo. Então, sempre tinha aquela coisa: “Juliana...”, sabe, aquela coisinha assim. Então, quando eu fui fazer contabilidade, “Nossa, ai, minha filha é contadora.” Gente, era muito engraçado, “Minha filha é contadora.” Meu pai era o auge, “minha filha é contadora.” Aí, vou até contar o episódio da formatura da contabilidade depois. Aí, fiz, é, é, fui trabalhar nesse escritório, então eu ficava de manhã no escritório, e, à tarde, ia pra repartição pública da cidade. Juiz de Fora, uma cidade que não é tão grande, mas não é tão pequena. Mas assim, eu via, passeava em tudo quanto é lugar de Juiz de Fora, porque eu adorava fazer isso, em tudo quanto é banco, fiquei amiga íntima dos gerentes dos bancos, né, que eu tinha de quebrar galho, né, às vezes assim, ir lá pedir: “Ó, eu tenho que fazer isso assim, assim e não dá tempo d’eu ficar na fila, você quebra o galho pra mim?” E, com isso, eu fui tendo muito, é, adquirindo muito conhecimento, eu fiz muitos colegas nesse âmbito de repartição pública, de banco, por conta dessa minha atividade de contadora. Então, eu fiquei de contadora, é, dois anos; é, nesse escritório, durante dois anos. Aí, deu um período, aí ele falou: “Ah, Ju, eu vou ter, caiu assim a quantidade de cliente no escritório”, então ele tinha que, “Ó, vou ter que tirar”, éramos duas pessoas no escritório: ele, de contador, e nós duas, né, técnicas em contabilidade, que a gente se denominava. “É, né, Ju, eu vou ter que tirar, né, te mandar embora, porque a grana tá caindo e tal, mas eu vou te arrumar um outro emprego.”

Aí ele me arrumou um emprego de vendedora, que eu fazia a parte de contabilidade, organizava pra ele a contabilidade da loja, porque a loja era uma marmoraria, que mandava a documentação toda assim, toda assim embolada,

e ele falou: “Ju, você vai pra trabalhar nessa, nessa marmoraria até porque você organiza pra mim a documentação pra mandar pra cá, e você trabalha na parte de venda da marmoraria.” Foi um emprego também excelente. Eu só tive empregos legais, assim, de, de..., que era muito engraçado. Hoje eu falo que era muito engraçado, mas, na época, gente, tinha dia que eu chorava. Mas, tudo bem. Aí, eu fui pra essa marmoraria. E, na marmoraria, era eu só de menina, o dono da marmoraria e a mulher dele. Só que a mulher dele, ele queria tirar a mulher dele de lá, porque ela se enrolava e tal, ele queria tirar a mulher dele de lá. Então era eu, ele, e os meninos da serra, que chamava os meninos da serra. Até hoje, a gente se encontra na rua e tal, porque era serradores e tal. Então aquele povo brutão, brutamontes, não sei o quê, não sei o quê. Só que, por incrível que pareça, eu conto, mas ninguém acredita, era um respeito ma-ra-vi-lho-so, assim comigo, entre eu e eles. Eu ia pra serra, lá com eles, entendeu, pra pegar pedra, e eles ficavam pra morrer: “Você não tem que pegar pedra, a gente é que tem que pegar”, não sei, sabe, mas eu adorava aquela coisa. Chegava um lá, mais assim, bestinha, querendo fazer graça, porque eu, pô, eu lá, menina, e assim, eu sempre me dei o respeito. É lógico, não ia lá com mini-saia num lugar onde só tem, numa marmoraria cheia de homem, de mini-saia e blusa decotada. Lógico que eu não ia dessa forma. Mas, vira-e-mexe, aparecia alguém lá, algum comprador meio assim, os meninos já saíam lá de dentro, sabe, como quem diz assim, aquelas coisas de paizão, sabe, pra defender, não sei o quê: “Não, peraí, a Ju não é assim, não. A Juju não é assim, não. Aí não sei o quê, não sei o quê.” Foi muito engraçado. Então eu trabalhei nessa marmoraria, tanto é que eu trabalhei com eles dois anos, duas vezes. Eu trabalhei um período, aí, nessa, concluí meu curso, né, de contabilidade. E, e eu não tinha, é, não queria fazer vestibular. Não era isso ainda que ‘tava na minha cabeça. Eu fiquei um ano na vagabundagem. O que que eu queria fazer, porque aí, eu descobri a noite de Juiz de Fora, entendeu? Eu descobri a noite, eu descobri os pagodes, que eu sempre gostei de samba, sempre gostei de pagode. Descobri a noite de Juiz de Fora, eu falei: “Ah, não, não quero estudar mais, não. ‘Cabou, ‘cabou” e tal, meu emprego ‘tava bom, eu ganhava um dinheirinho razoável. Então assim, eu não tinha muita... eu não, não tinha muita expectativa assim, sabe, de muita coisa. Eu tinha uma casa, “então, ‘tá, não quero mais nada.” Então eu trabalhava, e um ano, larguei isso tudo. Formei, não quis saber.

Formatura, muito interessante. Formatura, de contabilidade, fomos nos formar. “Mãe, vai ter festinha, não sei o quê. Vai ter colação de grau. Tem que ganhar anel.” Aí meu pai foi comprar o anel pra mim. Tem que entrar com alguém, “quem eu convidei pra entrar?” Meu pai, pra entrar comigo. Minha mãe ficou pra morrer, coitadinha, mas ela falou: “Não, mas eu vou ceder, porque você tem que prestar homenagem pro seu pai”, porque realmente meu pai me ajudou muito, mesmo ele ‘tando ausente, assim, de dentro da casa, mas ele sempre ‘teve presente, sabe: “Pai, preciso disso assim, assim.” Ele sempre deu, pagar mensalidade quando (ininteligível) ficava enrolado, ele sempre pagava, aquela coisa toda. Então, colação de grau. Foi Juliana, colação de grau, meu pai me deu o anel, entrou comigo, mas ele se emocionou tanto, se emocionou tanto no dia da colação de grau que, poxa, eu ‘tava chegando num lugar que ele não conseguiu chegar, minha mãe não conseguiu chegar, meus tios não conseguiram chegar, a família dele, então, agora a família da minha

mãe tem pessoas graduadas, né, que eu já tenho primas que já se formaram. Na família do meu pai não tem ninguém, não tem ninguém. Meu pai, eu esqueci de comentar, meu pai é ele, e mais a tia Neide, ele, eles são dois, assim, do pai e da mesma mãe, e tem a tia Lu, tio Altair e tia Denise, que são filhos do meu avô Oscarino, falecido avô, pai dele, mas com outra mulher. Então eles são em cinco, né, só que minha tia, tal e os outros três. Então na família dele não tem, não tem ninguém assim. Ninguém tinha, até aquele presente momento, feito um curso, é, segundo grau, colocado anel no dedo. Aquele anel, gente, era uma coisa, era uma pedra, era não, é uma pedra... Ele nem sabe, mas a minha pedra perdeu, então o anel fica guardado, pra mim poder botar outra pedra, é uma pedrinha rosa, muito chique. Então, assim, ele ficou sabe, "Uau, minha filha é contadora." E pra todo mundo, pros amigos dele todos: "minha filha é contadora." E hoje em dia, 'cê vê que, infelizmente, não é muita coisa, entendeu? Mas, pra ele, naquele momento da vida dele, em 1995, não 'tava nesse auge de globalização, que 'tá agora, de tem que saber tudo, fazer tudo, então, pra ele aquilo era uma glória. E pra mim, também, falei: "Ah, 'tá de bom tamanho, feliz da vida, não quero mais nada." Larguei o estudo e só fiquei trabalhando, saí do escritório e fui pra marmoraria, fiquei na marmoraria, conheci a noite de Juiz de Fora, né, comecei a me descobrir, assim, na noite, aquela coisa de ficar, de namorar, de não sei o quê. E depois, aí na marmoraria, começou a me estressar, porque eles começaram a deixar muito trabalho pra mim fazer. Eu falei: "Ah, mãe, não 'tô gostando mais." E eu ainda podia fazer isso, porque ainda tinha minha mãe, meu pai pra me poder bancar. "Sabe, mãe, não quero mais ficar." Aí meu pai falou: "Então sai."

Aí saí. Procurei outras coisas, mas não consegui. Aí, não sei por que cargas d'água, não me pergunta porque eu não consigo assim, até hoje não consigo parar pra pensar em que momento da minha vida eu decidi que eu ia fazer faculdade. 'Tô lá eu uma vez, pensando na vida, aí aquelas coisinhas de sempre, vai no mesmo lugar, sai, vai pro mesmo lugar, vê as mesmas pessoas, e nã nã nã, aí falei: "Ai, gente, eu não quero ficar, quero mudar, fazer alguma coisa diferente. Vou fazer vestibular." Aí fui fazer vestibular a primeira vez. Porque eu fiz quatro vestibulares. Fui fazer vestibular a primeira vez, UFJF, aquela faculdade maravilhosa, fui fazer. E, que eu queria entrar naquele mundo. Aí fiz vestibular, não passei. Tudo bem, primeira vez, não... Tinha feito curso técnico, curso técnico eu não tive química, eu não tive física, eu não tive biologia; não tive nada disso. Então pra mim, a primeira vez, tudo tranquilo. [AP: 'Cê fez pra quê?] Eu fiz pra Serviço Social, todas as vezes pra Serviço Social. Aí fiz a primeira vez; todas, não, uma vez foi pra Filosofia, fui xingada horrores, mas tudo bem. Serviço Social, não, não passei. Fiz a segunda vez, não passei. Aí, na segunda vez que eu fiz vestibular, eu comecei a namorar um rapaz que fazia Comunicação na UFJF. Meu Deus, quando ele me levou na primeira festa que eu fui com ele, do pessoal da Comunicação, falei: "É aqui que é meu lugar." Aí, sim, "Meu Deus, eu tenho que passar, eu tenho que entrar, porque esse é meu mundo." Porque eu comecei a ver pessoas que tinham um, que mesmo que eu não tivesse um curso de graduação, mas, assim, por conta de eu gostar de ler, de eu (contar ?) tudo, eu tinha uma cabeça um pouco diferente, sabe, do pessoal das pessoas com quem eu convivia no pagode, entendeu? Das pessoas com quem eu convivia na noite quando eu saía pra dançar. Era uma cabeça diferente. E quando eu comecei a

namorar esse rapaz, ele me levou pra esse mundo. E eu entrei lá, e eu vi que lá tinham pessoas que pensavam igual a mim, eu falei: “É aqui que é meu lugar, vou fazer... Vou me empenhar.” Aí comecei a me empenhar, aí segundo ano tomei pau, terceiro ano, “Vou fazer Filosofia”. Nossa, todo mundo: “Nossa, ‘cê tá louca? Filosofia? Não é isso que ‘cê quer?” “Não, que é mais fácil.” Não adiantou nada, tomei pau, tomei pau. Aí fiz o quarto ano, quatro vezes, é, aí no quarto ano eu fiz UFJF e UFF, e aí na UFJF deu uns problemas, assim, foi naquele período que deu uma greve longa, de três meses, me parece, as federais paradas, e não sei o quê. Os vestibulares atrasaram, uma confusão danada. E coincidiu a data de Juiz de Fora com a data de Niterói, então eu tive que optar por uma das duas.

E nesse intervalo, assim, nesses acontecimentos, que eu, vestibular, vestibular, vestibular, eu saí da marmoraria, fiquei sem emprego um tempo, arrumei emprego numa, é, como é que chama, gente? É uma, J. J. Castro, é uma loja, uma loja, uma empresa prestadora de serviço, que tinha serviço de vigia, de vigilante, esqueci como é que a gente fala, é uma dessas, tipo uma empresa terceirizada, assim sabe, tipo a... [AP: Segurança?] É, mas tinha segurança, tinha porteiro, a gente prestava serviço de portaria, era uma empresa que, por exemplo, igual tem na UFF tem o pessoal da Croll, eu acho, que é o terceirizado, o pessoal da vigilância e da limpeza, que é terceirizado. Quer dizer, aquela empresa que é dona daquilo ali, entendeu? Então eu trabalhava numa empresa assim. Nós oferecíamos, prestávamos serviço pra outras empresas, de limpeza, de vigilância, de segurança, de portaria. Então eu trabalhei uma época nessa empresa também, né. Saí da marmoraria, fiquei um tempo de vagabundinha, assim, sem fazer nada. Mas, aí, que eu sempre também pra isso que eu tive, vamos dizer assim, que eu tive sorte, sabe, de conhecer pessoas e conseguir emprego rápido. Aí eu consegui emprego nessa, nessa prestadora de serviço, que foi uma fase também muito interessante do emprego que eu tive, eu trabalhava com contabilidade nessa empresa, só trabalhava só com o departamento pessoal, porque era eu que fazia folha de pagamento, eu que contratava, eu que mandava embora. Assim, é lógico, não eu que mandava embora, mas o patrão falava: “Ju, vamos mandar embora fulano.” Então, eu que fazia a rescisão de contrato, eu que, né, preparava a papelada de fundo de garantia, aquela coisa toda. Então eu fiz, trabalhei nessa empresa quase um ano, no Jairo. Foi muito legal, porque, é, lá também era assim, muito engraçado, porque era eu, o Jairo, o dono, tinha mais uma mulher, e todo mundo, o resto era homem, todo mundo. E, os meninos também tinham todo um respeito muito legal comigo, e aprendi muita coisa com eles também. Aprendi tudo de segurança, tudo de segurança. Tudo eu sabia. Muito legal, e aí trabalhei quase um ano no Jairo, só que eu comecei a me irritar, porque aí eu comecei a realmente me empenhar, porque aí nessa época eu já namorava esse rapaz, comecei a me empenhar nessa coisa de prestar vestibular pra passar, eu queria passar. E no Jairo, o Jairo tinha algumas coisas que eu não concordava, com relação a direito trabalhista, sabe? Já ‘tava pisando na bola com os meninos...

FIM FITA 1 - LADO A

FITA 1 - LADO B

AP: Continuando...

J: 'Tá bom, é, então assim, eu que 'tava indo, eu que tinha que ir, né, os meninos levavam ele pra junta trabalhista, eu que 'tava tendo que representar. E eu comecei a me indispor muito com esse tipo de trabalho, porque eu sou uma pessoa que eu me apego por demais às pessoas, eu gosto muito do ser humano, por mais que o ser humano, sabe, pode ser, sabe, sei lá, o pior ser humano da face da terra, mas, até que me provem isso, eu sou muito, é, ligada à pessoa. Então eu era muito ligada aos meninos. Então, tinha algumas coisas que o Jairo queria que eles falassem, e que eu sabia que era mentira, mas, assim, sabe, eu tinha que assinar embaixo, de que era real aquilo. Então aquilo começou a me indispor muito, eu comecei a ficar doente por conta disso. Foi essa coisa d'eu ter muito contato, eu comecei a ficar doente, eu passava mal. Minha mãe me chamava de manhã pra trabalhar, eu: "Mãe, não vou", porque eu ficava imaginando olhar pra cara daquele pai de família, sabe, que foi lesado no direito dele, de 'tá recebendo uma coisa a mais, e não recebeu, por conta de alguma coisa que o Jairo mandou falar, e aquilo foi me deixando muito, muito mal, muito mal mesmo. Aí eu comecei ligar pra todos os meus amigos: "Ah, eu quero emprego novo. Eu quero emprego novo." Porque, assim, eu sou uma pessoa, posso dizer que eu uma pessoa feliz que eu tenho muitos amigos. Assim, é lógico, tem aqueles assim, tem aquela mão só de amigo, amigo. Mas eu sempre fui, eu conheci muita gente, tenho muitos colegas, e tal. Então, ligava pra todo mundo: "Gente, eu preciso de um emprego novo. Eu quero sair daqui. Eu não 'tô conseguindo mais ficar aqui, não sei o quê, não sei o quê." Arrumei um emprego, trabalhei de tudo nessa vida, né. Arrumei um emprego numa escolinha de natação, porque tem uma amiga minha que já trabalhava na filial, não, na matriz, e na filial da escolinha, que era no centro da cidade, precisava de uma secretária, eu. Fui, fiz a entrevista assim. Eu fui numa sexta-feira e comecei a trabalhar na segunda. Então, abandonei o Jairo. É lógico, não deixei ele na mão, fiquei trabalhando mais um mês assim, trabalhando nos dois, até pra ele conseguir se organizar, mas aí eu, lógico, não falei com ele que eu não, que eu ia sair, porque eu queria me dedicar mais ao vestibular, e tal, então eu ia sair, porque eu tinha arrumado emprego no qual eu não tinha tanto estresse.

E realmente, na escolinha de natação, eu não tinha estresse nenhum, era fazer matrícula, receber as pessoas, receber pagamento, 'cabou. E era muito, muito legal. 'Cê percebe que todos os meus empregos eram legais, né, tudo eu: "muito, muito legal", mas esse da escolinha foi o melhor emprego que eu já tive na minha vida. Foi uma escolinha de natação, Pasqualini, que é uma escola dez, assim. Aí conheci as meninas, que lá só tinha mulher. Me achei, só tinha mulher. E, aí tinha natação, hidroginástica, tinha natação pra criança e pra adulto e hidroginástica. Então, assim, eu tinha contato com criança, com idoso, que as doninha ia lá fazer ginástica, e com adulto, né, o povo lá da minha faixa etária, que ia nadar. E foi muito interessante, quando eu entrei na escolinha, que eu entrei na escolinha em maio, maio que eu entrei na Gisele, maio, eu fazia aniversário em agosto. Então eu fiquei muito, como eu já te falei, eu sou muito ligada às pessoas assim, então eu me apegava. Então as doninha chegava lá, aquelas doninha, 'tadinha, que ficava sem fazer nada, não tem

ninguém pra conversar. Chega lá, só quer falar, chegava mais cedo pra conversar comigo: “Oi, Ju”, aí ficava contando história da vida, não sei o quê, não sei o quê. E era muito interessante, e eu aprendi muita coisa com isso também, porque você ouvindo as histórias de vida dos outros, você tira muita coisa pra você. E, eu, em agosto, eu faço aniversário em agosto, eu entrei em maio, e em agosto fizeram uma festa surpresa pra mim. Eu só tinha tido uma festa surpresa na minha vida, mesmo assim porque eu, um dia, sabe aquela coisa que você fala: “Ai, gente, nunca tive uma festa surpresa.” Mas também me pegaram de supetão, fizeram a festa surpresa pra mim, quando eu fiz, eu tive a primeira festa, uma semana antes do meu aniversário, realmente pra me pegar de surpresa mesmo. Foi até uma história interessante, depois eu vou te contar a história dessa festa, primeira festa surpresa que eu tive. Aí, fizeram festa surpresa pra mim na escolinha. Aquilo, (gente ?), me emocionei tanto, ganhei tanto presente, mas tanto presente que eu me senti, assim. Fiquei dois anos na Gisele. Só saí da Gisele por conta de ter vindo pra Niterói, eu tive que largar. Mas foi um emprego muito legal, que eu, né, tive esse convívio, esse contato mais assim com as pessoas, com os meninos lá, com as meninas e foi bem legal. Mas aí lembrando a história da minha primeira festa de aniversário, de aniversário surpresa, eu nunca tinha tido. Por mais que todo mundo fala: “Ai, Ju, ‘cê é tão legal, gosto tanto de você”, mas nunca ninguém me deu uma festa surpresa, “ai, gosto tanto assim...” Ai, eu sempre gostei de fazer muita coisa pros outro, e eu nunca tinha tido, então aquilo me revoltava. Aí, uma vez eu comentei assim, nem sei como e com quem, “Ai, gente, uma festa surpresa, nunca tive, podia ter, né?” Mas pronto. Aí, como era enganjada em movimento de Igreja, ‘tô eu na minha casa, um dia, fazendo faxinão, num domingo. E eu sou toda escrachada, assim, pra fazer faxina, sabe? Eu visto as minhas piores roupas, ponho uma toquinha na cabeça, maravilhosa, e tô lá fazendo limpeza na casa. Aí, me ligaram: “Ah, Ju, vem aqui”, uma vizinha minha, no bairro que eu morava antes, me ligou, porque eu morava perto da minha vó nessa época, me ligou: “Ah, Ju, vem aqui porque tem um pessoal aqui pra, do movimento da Igreja, e tal, precisando tirar um foto.” E, olha só, como é que eu fiquei, cara, eu sou muito tapada, “Vem aqui pra tirar uma foto, que ‘tá tirando uma foto de jovens, e tal, pra poder levar prum curso.” Falei: “Ah, tudo bem.” “Vem arrumadinha mais ou menos, ‘tá, Ju”; “Não, lógico, né.” Porque todo mundo assim, meus vizinhos, todo mundo me conhece, sabe que eu gosto de andar à vontade, ainda mais nesse meu bairro que eu morei antes, eu sempre, eu ia na rua de pijama, eu não, entendeu? Não tinha essa comigo, me chamava na janela, eu aparecia de camisola, não tinha essa comigo. Fui eu lá, na festa, me arrumei mais ou menos e fui. Cheguei lá, era uma festa surpresa. Todo mundo ‘tava lá, meus amigos, meu namorado na época ‘tava lá, não sei o quê. “Gente, que coisa horrível, me pegaram de surpresa.” Mas foi bem interessante essa festa surpresa que fizeram pra mim. E aí fiquei na Gisele, saí da Gisele pra vim pra cá. Deixa eu ver mais o quê...

Hum, ah, é, a história da Gisele. Fui pra, fiz vestibular, né, aquela coisa da opção, tive que optar por aqui ou por Niterói, por, por Niterói, por Juiz de Fora. Aí na lá Gisele mesmo, no convívio com umas pessoas assim, eu perguntava pra todo mundo que era mais assim: “Gente, que ‘cês acham que eu devo fazer?”, que eu realmente ‘tava num dilema danado, se eu faria aqui, ou se eu faria lá. Aí tinha aquela coisa: “Ah, mas por que que você fez inscrição pra

Niterói?” Porque eu tenho uma tia que mora aqui. Então, a minha intenção era vim, fazer. Se, por acaso, eu passasse pra Niterói, ficar na casa da minha tia e pedir transferência pra Juiz de Fora, né. Era o mínimo, era isso que eu ia fazer. E, nessa época, deu essa confusão do vestibular, Juiz de Fora mudou o estilo de prova. Juiz de Fora, assim, você faz prova fechada, 70 questões, se não me engano, e zera tudo. Você passa pra segunda fase zerado, e, na segunda fase, você faz prova aberta de todas as matérias, independente do seu curso. Então tinha que fazer prova aberta de matemática, de química, de física, de biologia, de tudo. E Niterói ainda ‘tava no modelo antigo, né. Fazia prova fechada, e fazia prova aberta só das minhas disciplinas. Então, falei: “Pô, vou ter que escolher que eu vou fazer. Mesmo assim, vou arriscar”, porque coincidiram as datas. Aí fui, pra Juiz de Fora passei pra segunda fase, fiz a prova. Aí fiz a prova do primeiro dia na..., a prova lá era quinta, sexta, sábado e domingo da segunda fase, lá. Aí eu fiz a prova de quinta, fiz a prova de sexta, e em Niterói a prova era domingo. Fiz a prova de sábado, tinha química, matemática, e tal, mas eu saí tão mal da prova, que falei: “Gente, mandei muito mal nessa prova de química, de física, de não sei o quê, mas eu vou embora.” Saí da prova, meio dia, mais ou menos, fui em casa, peguei a mochila, peguei o dinheiro, “Mãe, ‘tô indo pra Niterói”, e vim pra Niterói, pra fazer prova aqui no domingo. Aí fiz prova no domingo, primeira fase, larguei segunda fase em Juiz de Fora pra fazer primeira fase em Niterói. Tiro no escuro. “Vou fazer”, larguei, “vou fazer.” Aí fiz a prova pra, pra Niterói, e nessa época eu ‘tava muito enganjada com essa coisa de estudo, porque esse meu namorado, ele não era daqui, ele era estrangeiro. E nesse ano que eu fui fazer vestibular pra Niterói, ele foi embora. Então eu ‘tava ocupando a minha cabeça de tudo quanto é jeito, porque eu fiquei com ele três anos e meio, e ‘cabou. Assim, eu falei: “Meu Deus, meu mundo vai acabar.” Então eu falei, eu vou ter que me ocupar com alguma coisa, então eu, talvez assim, eu me deixei assim, eu aceitei esse desafio de arriscar tudo pra Niterói porque eu ‘tava tão, assim, enganjada nessa coisa de estudar, de (ininteligível), pra ocupar minha cabeça, pra não lembrar que ele tinha ido embora, que eu arrisquei, e vim, e fiz. Primeira fase. “E aí, passou ou não passou?” Resultado de Juiz de Fora saiu, as notas não foram tão altas, eu falei: “Ah, Meu Deus, por que que eu não tentei?”, mas tudo bem. Que eu sou muito assim, pra mim ‘tá tudo bem. ”Não Ju, calma, calma. Espera o resultado sair, espera o resultado sair.” Niterói sai o resultado. Passei pra segunda fase. “Mãe, passei!” É, tem que estudar. Sozinha, porque aquela altura do campeonato, cursinho em Juiz de Fora já tinha acabado. UFJF acabou, acabou cursinho. Tive que estudar por conta própria, aí me empenhei pra caramba, estudava história, e tal. Pessoal do meu trabalho me dando a maior força, sabe, pra mim ‘tá estudando, e não sei o quê. E vim pra fazer segunda fase. Fiz segunda fase, saí da prova arrasada, porque eu achei que eu tinha mandado muito mal na prova de redação, falei: “Ah, Meu Deus, e agora?” “Juliana, não se estressa.” Fiz as duas provas e entreguei pra Deus. Falei: “Ah, entreguei, fiz a prova e ‘cabou.” Aí, já ‘tava pensando em prestar vestibular pra faculdade particular no meio do ano, em Juiz de Fora, pra psicologia. Porque era uma das minhas opções também, assim, sempre quis fazer Serviço Social, mas, assim, em alguns momentos a Psicologia também, sabe, deu aquela... Poxa, conheci pessoas que fizeram Psicologia, e era uma matéria legal, e tal. Falei: “Ai, se, por acaso, não passar, vou tentar a CES, que é...” Poxa, quatro anos fazendo vestibular, eu já não ‘tava mais agüentando,

falei: “Ah, mãe, não ‘güento mais estresse.” E assim eu já, ‘tava me causando problema de saúde assim, porque eu me estressava por conta das provas, então eu tinha queda de cabelo, eu tinha alergia no pescoço, minha unha quebrava, era uma coisa. Então falei: “Mãe, ‘tá me causando muito problema, essa coisa de vestibular. Então se, por acaso, não passar agora em nenhuma federal, eu vou tentar Psicologia no CES no meio do ano, vou fazer Psicologia, e seja o que Deus quiser. Pra pagar, seja o que Deus quiser. Eu choro desconto, eu peço crédito educativo, mas eu dou um jeito.” E fiquei na minha.

Com isso, esperei, fiquei esperando os resultados dos vestibulares, continuei levando a minha vidinha, de, de, de trabalhadora na aquática. Muito interessante, muito, né, aquela animação, toda festinha todo ano, de aniversário, eu tinha, todo ano eu tinha uma festinha, já até esperava. Depois, toda vez tinha festinha de aniversário, e presente de Natal, eu ganhava muitos presentes de Natal. Nossa, ganhei tanto presente... Boticário, tanto perfume do Boticário, das doninhas lá do dinheiro. Nossa, era muito legal. E minha família ‘tava tudo bem, né, é, nos mudamos. Meu pai se aposentou, e ganhou uma grana, assim, legal, porque nessa casa onde a gente morava, lá com a minha vó, tudo bem, a casa era nossa, só que o quintal era da família toda. Então ainda tinha aquela, tanto é que onde ainda ‘tá enrolado, por conta de inventário, por conta, entendeu? Então meu pai sempre teve medo de acontecer de algum tio meu querer, sabe, ser o bambambã e tomar; não, sei lá, fazer alguma coisa com a minha avó lá, e tomar o terreno da gente, e a gente não ia ter onde ficar. Então o sonho do meu pai sempre foi ter um lugar pra gente, comprar uma casa pra gente. Então, quando ele se aposentou, ele comprou uma casa pra gente num bairro próximo, assim, 20 minutos de onde eu morava, mas, assim, fiquei longe da minha família, né, fiquei só eu, minha mãe, meus irmãos. E, mas a gente, nós nos mudamos, então, foi uma coisa bem... ‘tava tudo tranquilo porque, assim, era tudo novidade, né. Eu tinha me mudado, então, é, meu namorado tinha ido embora, aquela coisa toda, então minha cabeça não ‘tava muito, é, preocupada com isso porque eu ‘tava com aquela coisa de bairro novo, tudo novo, e não sei o quê. Então eu me ocupava o máximo que eu podia pra não pensar no cidadão que tinha ido embora. Aí, é, é, fiquei lá com a minha mãe nessa coisa do, do, da casa nova, né, de vamô reformar, vamô fazer isso, vamô fazer aquilo. E, ficamos, né, nessa de... Deixa eu, mais o que aconteceu depois... Ah, mas minha vó ficou doente depois... Aí, contato com o meu pai, não sei o quê. Vamô, não vamô... Passa, não passa... Sai o resultado. Teve, no dia do resultado, foi muito interessante, porque eu fui trabalhar, eu trabalhava de 2 às 10, nessa escolinha, de 2 às 9. Então eu saí do trabalho, o resultado ia sair meia noite, assim, aquela coisa, “sai meia noite.” Só que depois eu fiquei sabendo que ‘tava na internet desde das 7 da noite. Mas, tudo bem. Aí, eu tinha conhecido um menino, daqui de Niterói, na época, assim, conhecia assim, internet e tal, virou meu amigo, a gente namorou um tempo, não sei o quê. E ele ficou de me ligar e tal, e ele não me ligou. Falei: “Caramba, então não passei, né, não passei.” E lá no meu trabalho tinha um senhor, até muito gente boa, falou comigo, seu Zé Márcio, “Ju, ‘cê quer que eu veja pra você na minha casa? Se você passou ou não?” Falei: “Não, Zé Márcio, vou esperar chegar em casa, vai sair só meia noite.” Mas aí, depois eu deduzi que ele já sabia que eu tinha passado, porque a hora que ele falou isso era umas 8 horas, o resultado saiu era 6. Ela já sabia que eu tinha passado. Aí, eu

falei: “Não, Zé Márcio, eu vejo lá em casa.” “Então ‘tá, então ‘tá. Tchau. Boa Sorte, tá.” “‘Tá bom.” Eu fui andando, Ana Paula, andando do meu trabalho pra casa. Eu gastei quase uma hora e meia, porque eu não queria chegar em casa, que eu ‘tava muito ansiosa. Comecei a passar mal, assim, sabe, dor de barriga. E eu nunca senti isso, em nenhum resultado. Falei: “Gente, alguma coisa de diferente aconteceu”, porque eu nunca passei mal. Fui buscar os meus irmãos no cursinho, meus irmãos faziam cursinho popular na época, próximo da minha casa. Eu fui buscá-los no cursinho pra dar hora, pra mim chegar em casa, que eu ‘tava muito nervosa. Aí fui buscar meus irmãos no cursinho, tinha uns colegas meus lá, “E aí, Ju, é hoje?” “Gente, é hoje.” “E aí?” Falei: “Gente, ah, não sei, se eu não passar...”, eu já não sabia o que eu ia fazer se não passasse, sabe, eu ia ficar muito frustrada, porque eu tinha investido grana, entendeu, pra poder vir pra Niterói. Falei: “Ah, Meu Deus, e agora?” Aí fui pra casa, cheguei em casa umas 11 da noite. Pra ‘cê ter uma noção, saí do trabalho às 9, cheguei em casa às 11 da noite, e ‘tô enrolando, e ‘tô enrolando pra usar a internet. Aí jantei, não comi direito, aí deu meia noite, meu irmão ligou o computador. Aí ligou o computador pra ver, viu as coisas dele, e tal, “Ju, ‘tá livre.” Falei: “‘Tá bom”, e saiu todo mundo, sumiu, me deixaram na sala sozinha com o computador. Falei: “Ah, Meu Deus...” E nesse dia tudo dá errado, né? Liga, o site da UFF não abre. Falei: “Ah, Meu Deus, não abre, não abre, não abre. Mãe, como é que eu vou saber?” E eu nervosa, sozinha na sala, meia noite e um, eu na frente do computador. “Digite sua inscrição.” Digitei, demorou abrir a página, demorou, demorou, eu ‘tô: “Ah, Meu Deus do Céu... E agora, não abre a página do computador...” Abriu: “Aprovado 1º semestre” Falei: “Mãe, passei, passei, passei...” Acordei todos, liguei pra minha..., pro meu pai, 1 hora da manhã. Meu pai: “Ai, minha filha, levei até susto. Que aconteceu?” E eu: “Pai, passei, passei, sua filha é universitária! Passei, passei!” Aquela festa, aquela coisa toda. No outro dia nem dormi direito, acordei 6 horas da manhã no outro dia, ligando pra todo mundo, que eu tinha passado, que eu tinha passado, uma maravilha. Aí, burocracia, tinha que vim pra Niterói no dia seguinte fazer inscrição. No dia seguinte, “Gisele, me libera do trabalho, que eu tenho que ir pra Niterói fazer inscrição.” “Ai, ‘cê vai embora?” “Eu tenho que ir.” Aí, assim, o resultado saiu numa terça, aí então, na quarta-feira, é, eu fui arrumar as coisas pra poder vim pra cá, que tinha que fazer a inscrição na quinta, aí na quarta-feira, é, na aquática foi maravilhoso, né, aquela coisa assim: “Pô, passei, passei.” Tinha gente que nem ia lá no dia, assim, que era de outro dia pra nadar, foi lá só pra saber se eu tinha passado ou não. “Gente, passei, passei!” “Pô, ‘cê vai embora?” “Eu vou embora! Eu passei, eu passei!” Aí fui, na quarta-feira, fui comer pizza com os amigos, assim, pra comemorar, né, e tal. Aí tinha um amigo meu, que era meu amigo na época, mas que eu ‘tava doida pra dar uns pegadas, foi também. E aquela coisa ‘tava rolando, aquele climazinho, foi uma maravilha, passei, e vim aqui na quinta, fiz inscrição, tive que voltar aqui na sexta, pra fazer a inscrição em disciplina, não sei, aquela coisa toda. E a aula começava na segunda. Então, quer dizer, puff, ‘cabou minha vida em Juiz de Fora, vida em Niterói a partir de segunda-feira. Eu tinha 48 horas pra resolver minha vida toda. Emprego, tudo, né, dar baixa na carteira, tudo. Eu, lógico, não ia conseguir fazer tudo isso no final de semana. Aí no sábado eu saí, é lógico pra comemorar, fui num show d’um grupo de pagode chamado Revelação. Fui no show, me acabei, me acabei, que eu não ‘tava acreditando que eu ‘tava sendo universitária, me

acabei no show, que não sei o quê, toda aquela confusão toda, comecei a namorar meu amigo no show, aquela coisa toda.

Vim embora pra Niterói na segunda-feira, de mala e cuia. Tinha lugar pra morar? Não. Porque minha tia mora no morro, aqui em Niterói. E o morro ‘tava quente, quente naquela época. Como que eu ia fazer pra subir o morro à noite? Falei: “Pai, não posso ficar na casa da minha tia, porque problema, tiro, como é que eu faço? E aí?” Aí eu tive que, fui morar num pensionato, quando eu vim pra Niterói, eu morava num pensionato, lá em Icaraí, longe pra caramba. Eu morava num pensionato, e aí fiquei no pensionato, quanto tempo? Um ano, um ano. E, nesse intervalo assim, a minha vida virou de cabeça pra baixo, porque eu tive que largar tudo, largar minha família. E eu sempre fui muito emendada com a minha família, eu sempre fui muito ligada com a minha mãe, ligada com a minha avó, ligada com o meu pai, com os meus irmãos. Tive que largar tudo pra vir pra Niterói, largar emprego, uma coisa assim, que pra mim foi um baque muito grande, porque eu sempre acostumei a ter o meu dinheiro, a comprar as minhas coisas, a fazer as minhas coisas, e a ser independente do meu pai, da minha mãe. Tudo bem que tinha seguro, mas seguro só dura quatro meses, e depois? Como é que ia fazer? Aí larguei tudo, vim pra Niterói, ‘tô aqui em Niterói fazendo faculdade, né, vai fazer três anos já quase que eu ‘tô aqui. E, aí nesse intervalo, meu pai ficou doente assim, foi uma crise assim, foi um ano meio que, assim, tumultuado pra mim, foi ano retrasado, ano passado. Meu pai teve princípio de infarto no começo do ano, e eu aqui, desesperada, né, porque ninguém me contou nada. Chego eu pra Juiz de Fora, pra passar a Semana Santa do ano passado, meu pai ‘tá no hospital, no CTI. E aquilo, assim, meu mundo caiu. Queria desistir da faculdade, falei: “Ah, mãe, vou largar vou desistir, que não posso largar meu pai aqui, doente, não sei o quê.” Mas aí ele melhorou, já ‘tá 100%, mas assim, foi um baque do caramba. E nesse intervalo, a minha avó, que era assim, é, é, que eu era emendada, né, assim, nela, ficou doente. E quando eu passei, ela ficou numa felicidade muito grande, sabe, “pô, que legal, você passou, minha neta fazendo faculdade, e não sei o quê, não sei o quê.” Ela ficou muito: “Aí, vai mesmo, e tal, sua vida, seu sonho, é isso que você quer? Então, vai.” Minha vó ficou doente, “mãe, quero voltar. Mãe, quero voltar, não vou deixar minha vó sozinha, quero voltar, quero voltar, quero voltar.” Porque assim, mesmo sendo essa família gigantesca, mas na hora de ficar com a minha vó, não tinha ninguém. Não tinha ninguém, sabe. Nenhum dos 12 podia, “ah, eu tenho trabalho, eu tenho isso, eu tenho aquilo, eu tenho” e eu sempre tudo, eu sempre resolvi junto com a minha vó, assim, ela ‘tava sozinha, eu ia ficar com ela. A vó tem que ir, sei lá, tem que ir na rua, eu ia com ela, ou eu ou minha tia, uma tia minha do meio, assim, irmã da minha mãe. Só que a minha tia casou e foi morar longe, assim, do bairro lá. Então, eu tive (ininteligível) ficar com a minha vó. Então aquilo pra mim foi um, sabe, o fim. Falei: “Ah, mãe, eu quero voltar, eu quero desistir, eu não quero fazer mais, eu quero voltar pra Juiz de Fora, que eu fico com a minha vó, porque aí eu cuido dela”, porque não tinha ninguém pra cuidar. Pra você ter uma noção, numa família de 12 filhos, tivemos que contratar uma pessoa pra dormir com a minha vó, pra ficar de acompanhante. Com 12 filhos, e detalhe, 12 filhos, fora os netos, que assim, lá em casa nós somos 4, eu tenho um tio que tem 6 filhos, tem outro que tem 7, tem outro que tem 3, tem outro que tem, entendeu? Então assim, nesse leque de gente, e gente assim, é, minha vó, a casa da

minha vó aqui, aqui em cima tem a tia Dola, tem dois tios que moram em cima. Tem uma tia que mora, tem dois tios que moram com ela, um, um tio meu é padeiro, até, tudo bem, a gente entende, não podia ficar com ela porque tinha que trabalhava à noite. Tem uma tia minha que é solteirona que morava com ela, não podia ficar. Tem uma tia minha que mora nos fundos, e tem mais três, não, dois tios, que moram atrás. Então, quer dizer, nessa leva de pessoas, não tinha ninguém que podia ficar com ela. Então aquilo pra mim, eu falei: “Ah, mãe, eu quero desistir, eu vou voltar, eu vou voltar.” E, o que não me deixou voltar muito foi meu pai, sabe, de meu pai ‘tá ali: “Não, tu custou a conseguir, tu tentou vestibular quatro anos, agora tu vai jogar tudo pro alto? Entendeu? Ninguém ‘tá se abdicando de nada, pra podê ‘tá ajudando a cuidar da tua vó. Você, vai abdicar pra poder, sabe?” “Ah, pai, mas eu acho que tem que ser.” “Mas, aí, não, não, não, não, não, não.” Aí nessa leva não desisti, continuei aos trancos e barrancos. O ano passado foi muito, assim, pesado pra mim, porque foi um ano que aí eu ia pra Juiz de Fora quase toda semana, porque eu ficava naquela de querer ver minha vó, aquela coisa toda. Aí foi indo, foi indo, tanto é que eu fui com ela pro CTI, quando eu ia pra lá, assim de férias, eu não ficava de férias, eu ia ficar com minha vó no hospital. Eu ficava com ela de dia, e de noite minha mãe ficava. Era só eu e minha mãe, eu ficava de dia, minha mãe ficava de noite, aquela coisa toda. E até (ela foi, foi ?), ela faleceu, acho que foi no final do ano, outubro? Foi outubro, só. Outubro. Outubro minha vó faleceu. Terminei meu namoro, foi tudo assim, aí foi tudo de ruim, na época. Passou meu aniversário, (brum ?), caiu o mundo. Passou agosto, terminei o namoro em setembro, minha vó faleceu em outubro. E foi muito pesado porque minha mãe se apegou demais a ela, por conta da doença. Então eu fiquei assim: “Meu Deus, eu sou o, o, como é que fala? É, o alicerce da minha mãe”, porque homem é diferente, os meus irmãos, por mais, tudo bem, a vó também era deles, a mãe é deles, mas homem tem uma cabeça diferente com relação a essa coisa de sentimento, de não sei o quê. Então, eu fiquei super preocupada por conta da minha mãe. Falei assim: “Caramba, o alicerce da minha mãe ‘tá aqui”, que era eu, né. E, às vezes, ela ligava pra mim no telefone: “Mãe, tá bem?” “Aí, ‘tô não, minha mãe ‘tá morrendo, não sei o quê, não sei o quê.” Então foi uma coisa muito complicada, assim, pra eu conseguir levar, sabe, é, conseguir passar por isso, pra conseguir dar seqüência na faculdade, aquela coisa toda. Melhorou? Melhorou um pouco, porque aí, né, minha avó se foi, e tal, agora já fez um ano, já, né. E minha mãe já ‘tá mais lightzinha, já ‘tá mais conformada com a situação. Meus irmãos agora também criaram um pouco de juízo, e assim, na coisa da responsabilidade, sabe, ‘tá ali levando as coisas junto com ela. Meus irmãos assumiram algumas coisas na minha casa, pra poder resolver. Porque antes quem resolvia tudo era eu e ela, sabe? Fazer compras, pagar contas, era eu e minha mãe, eu e minha mãe, eu e minha mãe. Eu vim pra cá, ficou minha mãe, minha mãe, minha mãe. Aí meus irmãos agora resolveram assumir também, dando uma força, pra ‘tá ajudando ela a bancar as coisas, a pagar as coisas, e dando um apoio moral assim, vamô dizê, assim, pra ela, pra mim poder conseguir concluir meu curso. Foi até engraçado, essa semana meu irmão me ligou, porque apareceu um caroço na cabeça da minha mãe. Aí ele me ligou: “Ju, não sei o que eu faço...”, porque ela não contou pra ninguém, quem descobriu foi nossa cabeleireira, olha a confusão, nossa cabeleireira que descobriu. “E, Juliana, que que eu faço? Não sei o quê.” “Ih, Wellington, não sei.” Liguei pro meu pai, que é o único assim, porque pô,

família, infelizmente, 'cê não pode contar com todo mundo, né. Então, falei: "Nossa salvação é meu pai." "Pai, minha mãe está com um caroço na cabeça, que que a gente faz?" Aí ele ligou pra ela, passou um sabão nela, obrigou ela a marcar um médico. Aí ontem ela me ligou: "Mãe, marcou médico?" "Pois é, seu pai contou, né?" Falei: "Tô sabendo de tudo, não 'tô aí, mas 'tô sabendo de tudo. Meu pai 'tá de olho na senhora pra mim, porque eu não 'tô aí do seu lado." Porque tem que ficar ali em cima, "não 'tô do teu lado pra poder te cobrar, ele 'tá aí." "Pois é, 'tá me ligando todo dia, pra saber de caroço, e não sei o quê de caroço." Mas assim, já 'tá tudo resolvido, tudo na mais tranqüila paz.

E, meus irmãos, né, também 'tão todos tranqüilos. 'Tô com um irmão agora no quartel. Meu irmão mais novo, lindo, coruja que sou, é lógico. Né, 'tô 'sim, apaixonada nele no quartel, e mais o quê? E no mais, nossa família 'tá indo, tudo, tudo tranqüilo. [AP: Seus irmãos 'tão trabalhando?] Eu tenho um, ah, é, esqueci, meu irmão do meio, Wellington, lindo, meus irmãos são todos lindos. O Wellington, lindo, entrou na faculdade agora, 'tá fazendo Administração. Trabalha como auxiliar administrativo de um supermercado lá em Juiz de Fora. Um supermercado, uma rede de supermercado, né, ele trabalha de auxiliar administrativo nessa rede de supermercado. O Wendell, o Wendell meu mais novo... Quer dizer, vou falar as idades, o Wellington 'tá com 24, 'tá com 23, 23 anos o Wellington tem. O Wendell, que é o meu irmão mais novo, 'tá com 18 anos, vai fazer 19 agora mês que vem, entrou pro quartel agora nesse programa do governo, aí, de 'tá chamando, que ele tinha dispensado, mas aí depois chamou de novo, aquela coisa do Primeiro Emprego, e tal, ele entrou nessa leva, 'tá super empregado, o sonho dele é seguir carreira, a gente 'tá rezando pra que ele siga. Mas, assim, ele 'tá no meio do caminho no estudo, né, ele parou no 1º ano. 'Tá no 1º ano, esse ano praticamente perdeu, porque entrou no quartel, aquela coisa de tirar plantão, tirar plantão, tirar plantão, não consegue ir a aula. O Washington, meu irmão mais velho, assim, abaixo de mim, 'tá com 25 anos, não 'tá trabalhando no momento. Ele pega um bico assim, ele trabalha numa banca de jornal, final de semana e feriado, e terminou, né, o 2º grau, concluiu. É, 'tá pensando em fazer vestibular agora, não sei se ele vai fazer. Mas, assim, 'tá fazendo cursinho, faz um cursinho popular, lá em Juiz de Fora. Vai prestar vestibular agora, talvez, ou um curso técnico, porque ele gosta de mecânica, eletrotécnica, essas coisas. Então, talvez, eu acho ele mais assim, e, detalhe básico: meu irmão é esquetista, de 25 anos, muito engraçado, ele esquetista. E, mas o negócio dele é essa coisa de mexer com mecânica, com eletrônica, e tal. Então acho que ele vai se dar melhor nessa área. Então quer dizer, na minha casa quem trabalha, por enquanto, é meu irmão Wellington e minha mãe, né, que trabalha. Minha mãe trabalha numa casa de família, há, desde também, tem quantos anos? Tem 18 anos que trabalha nessa casa, é, ela trabalha, eu falei que ela 'tá quase dona da casa já, que de tanto que ela já conhece, o povo não sabe nada, liga pra ela: "Lurdinha, cadê minha calcinha? Não sei o quê." (Tem ?) pra ela, ela trabalha nessa casa, mas assim, ela faz os horários dela. Chega no trabalho 1 hora da tarde, é muito engraçado.

E eu, agora 'tô aqui, né, faço, 'tô fazendo curso de graduação, 'tô fazendo estágio no IBASM, consegui um estágio remunerado no IBASM, comecei tem

uma semana, que é o Instituto de Benefício, como é que é? Benefício e Assistência de Niterói, me parece, uma coisa assim. É um instituto aqui de Niterói, que cuida do, é, dos pensionistas e aposentados da prefeitura. Eu trabalho lá, agora, num estágio remunerado, e faço estágio também na Emergência do Antônio Pedro, que é o estágio que eu fiz primeiro, né. Eu comecei lá, e eu não posso sair agora por conta de ter que esperar o período terminar. O estágio no Antônio Pedro, eu consegui porque eu fui tentar a Bolsa de Treinamento da UFF, o ano passado, né, pra valer agora pra 2004, porque eu precisava também de uma ajuda de custo, até porque meu pai e minha mãe não ‘tavam conseguindo mais, ‘tava ficando muito complicado pra me bancar aqui, porque eu pago aluguel, aquela coisa toda. Então, eu tentei Bolsa de Treinamento na UFF. Aí, eu escolhi fazer no Ambulatório do Antônio Pedro, por conta que era válido como estágio. Só que, no decorrer da confusão, descobriu-se que não era válido como estágio. E, eu fiquei sem estágio, assim, meio que sem saber o que fazer, e tal. Aí as meninas, assim, como elas mesmo falam, as “mães da emergência”, do serviço (ininteligível) de emergência, nos aceitaram, eu e mais duas alunas, como estagiárias delas, na emergência, então, enganjei na Emergência do Antônio Pedro. Uma coisa que eu não esperava que eu fosse fazer, porque eu nunca me vi trabalhando numa emergência, que é uma coisa muito, sabe, pô, emergência, é tiro, é... Eu falei, nunca me vi trabalhando numa emergência, e por conta também dessa coisa, da saúde da minha vó, eu ‘tava vendo aquela coisa dela no hospital, e tal, falei: “Gente, eu não vou conseguir.” Mas, Ana Paula, assim, eu me descobri na Emergência do Antônio Pedro, amei, amei, amei o negócio e, tanto é, que eu não ‘tô conseguindo sair, tanto é que eu arrumei esse estágio no, no, eu arrumei, não, elas me arrumaram. A minha supervisora, a menina que é minha supervisora agora no IBASM foi aluna dela, foi estagiária dela. Ligou pra ela querendo uma estagiária. E ela falou: “Eu tenho uma estagiária excelente pra te mandar”, que era eu. E me mandou, eu fui logo assim aceita, assinei o contrato, tudo o. k., e aí eu ‘tô no IBASM por conta dela, né, então quer dizer, por conta da Emergência do Antônio Pedro, eu ‘tô no IBASM. Só que agora eu não consigo sair do Antônio Pedro, porque eu já criei um laço muito grande com as pessoas lá, que são pessoas assim, ma-ra-vi-lho-sas, as minhas supervisoras, são pessoas excelentes, tanto como pessoa, quanto como profissional. Elas, como assistentes sociais, são, assim, dez, são meu sonho de consumo de assistente social, porque elas são, assim, tudo de bom, assim, são profissionais corretas, éticas, sabe, trabalham ali mesmo, dentro da profissão, do jeito que o nosso código, sabe, diz que tem que ser, que a gente tem que atuar, elas atuam dessa forma. Muito, muito boas, mesmo. E, como pessoas, maravilhosas. E as pessoas que eu convivo, é aquela coisa que eu te disse, com relação a esse laço que eu tenho com as pessoas. Eu sempre, eu falo que eu sempre tenho sorte de ‘tá convivendo com pessoas, assim, que me aceitem bem, e eu aceito também. E eu tenho um contato muito íntimo, assim, com elas, com as meninas da emergência. Sabe, tanto é que elas brigam pra saber quem, no plantão de quem eu vou trabalhar, que eu vou estagiar. “Não, a Ju vai ficar comigo, não vai ficar com ela. E, tanto é, que agora eu liguei pra elas hoje, pedindo estágio no final de semana, porque aí, pra mim poder conciliar a bolsa que eu tenho, que é no ambulatório, porque eu não quero perder, por conta da verba, também que é um auxílio a mais, né, porque juntando as duas, vou receber quase 500 reais, entendeu? Então, pra mim vai

ser, assim, uma mão na roda. Então eu vou até conversar com elas amanhã pra poder 'tá fazendo essa negociação. Então, 'tá sendo um ó, assim, porque eu liguei, pedindo estágio no final de semana. Aí, Fátima, que é minha supervisora, não quer deixar, porque ela "não, você é minha estagiária, como é que você vai me largar assim?" Fazer estágio no final de semana, então eu faço plantão direto, de 12 horas, e 'tá sendo um aprendizado muito, muito, muito bom, muito bom. Eu tenho visto cada coisa, eu falo, eu até falo com Lina, né, que mora comigo, que é daí que eu tiro força pra contornar os problemas que aparecem no decorrer do caminho dessa nossa vida acadêmica, que não é fácil. Ainda mais a gente que mora longe de família, entendeu, então é muito complicado. Então todo mundo fica assim: "Pô, 'cê 'tá sempre rindo, 'cê 'tá sempre feliz." Tudo bem, eu não sou feliz assim, 100% assim, não 'tô todo dia... Mas eu tento ser o mais alegre que eu posso, eu tento buscar a felicidade o máximo que eu posso. Então, nesse meu convívio na emergência, vendo gente, sabe, menino baleado, povo com câncer terminal, povo soropositivo novo, menino novo, de 20 anos, soropositivo. Então, isso me dá força. "Cara, você 'tá vendo? Você fica reclamando do seu problema, que você fica lá, 'pô, 'tô sem grana, não sei o quê', olha lá, olha fulano, olha como é que 'tá." Entendeu? Povo, povo morador de rua, que vai lá, que não tem ninguém, os idosos que ficam lá jogados, não têm ninguém. Eu fico assim, "Caramba!" Agradeço todos os dias por eu ter pai, por eu ter mãe, por eu ter irmãos. sabe, por eu ter uma família, por eu ter como, é, é, por eu ter o estudo, assim, por eu 'tá tendo essa oportunidade, por 'tá dentro de uma universidade, que também, eu falo mesmo, de quem sonha mesmo em fazer faculdade, faça. Porque é um mundo assim que, você aprende cada coisa, você. Nossa, eu 'tô assim, eu 'tô a-do-ran-do a minha vida acadêmica, aos trancos e barrancos, com muita dificuldade, eu sei, não é fácil, pô, entrar numa universidade hoje, numa gama de 700 alunos, que tem dois computadores, entendeu, que no meu curso de Serviço Social nós somos um número enorme de alunos pra dois computadores. Então, quer dizer, essas dificuldades, né, que tem. É grana pra xérox que, às vezes, não tem. Mas, assim, eu 'tô amando a minha vida acadêmica por conta dos conhecimentos que eu tenho adquirido, das pessoas que eu tenho conhecido, dos contatos que eu tenho feito, sabe, da...

FIM FITA 1 - LADO B

FITA 2 - LADO A

J: Então assim, a minha vida acadêmica, eu estou amando por conta disso, por conta da, dos contatos que eu tenho feito, das pessoas que eu tenho conhecido. E, desse mundo que, eu 'tava até comentando isso ontem com Lina. É, eu acho que é até válido eu comentar, eu fui a esse pro..., é, esse evento que teve no Rio que chama Hutus. Um evento de hip, um festival de hip hop, que teve no Rio, né, desd'o dia 2 que 'tá tendo e terminou dia 15. E eu fui ao show do MV Bill, no dia 15. E, assim, um mundo também que, pra mim, eu 'tava falando ontem, quando eu acordei de manhã. Porque assim, eu fui no show, nós chegamos em casa super tarde, eu fui dormir era quatro e tanto da manhã, quatro, cinco horas. Acordei sete e meia pra podê ir pro estágio. Aí eu falei com Lina assim: "Lina, acho que é porque eu não dormi direito eu não 'tô acreditando ainda que eu fui no show, eu não 'tô acreditando ainda que eu,

sabe, que eu vi lá o MV Bill, que eu vi aquele mundo, gente.” Porque isso pra mim, Ana Paula, era uma coisa muito distante, sabe, essa coisa de, de, esse contato que eu ‘tô tendo com, vamos dizer assim, é, com esses movimentos assim com, pô, o movimento negro, movimento de mulheres, movimento, sabe, dos homossexuais que eu fui assistir um seminário deles ontem. É umas coisas que pra mim era muito distante, eu te confesso assim, há dez anos atrás, eu não me via de forma alguma dentro de uma universidade, fazendo parte de eventos que eu faço parte hoje, enganjada em certas coisas que eu ‘tô enganjada hoje. Enganjada em debates sobre etnia, em debates sobre gênero, entendeu? São coisas que, pra mim, eram muito longe. Então, foi até engraçado, a Lina ria tanto d’eu contando, até falei prum amigo meu ontem, no telefone, eu ‘tô assim: “Poxa, Renato, eu acho que eu, eu não ‘tô acreditando ainda, que eu, que eu vi o MV Bill.” “Que isso, Juliana?” Falei assim: “Mas eu não ‘tô acreditando ainda. Acho que só vou acreditar quando eu contar pra minha família que eu vi o MV Bill, que o Alan do Big Brother veio falar comigo”, entendeu? Porque era uma coisa muito longe, muito, é, é, é, uma coisa pra mim muito distante, talvez até por conta dessa coisa de família, assim, que, que, que a minha família, a gente não tinha, aquilo que eu te falei, assim. É, a minha família ‘tava, tinha aquele mundinho, né, tinha lá meu mundinho em Juiz de Fora, de trabalho-escola e escola-trabalho, é, as expectativas de vida, assim, é, expectativas, não, as esperanças de vida não eram coisas muito, é, é, grandes. Era aquela coisa: “Não, bom, vou casar”, sabe aquela coisa assim bem, mas era bem assim mesmo, “Ah, vou estudar, fazer meu 2º grau, com 20 anos, 21 anos eu vou casar, né. Arrumo uma pessoa, vou casar, vou ter filho, vou ter minha casa, vou lavar pra...” Era uma coisa muito assim, assim. Tudo ali à risca, tanto é que eu tenho, é, é, na família, eu tenho essa, essa, essa linha ainda, sabe, de coisa tradicional, de dia de noivado o cara ter que pedir: “Ó, eu venho aqui pedir a mão...” sabe, eu tenho essa coisa na minha família. Eu falo que eu sou o, a ovelha desgarrada, assim. Porque eu fui, eu fiz o caminho completamente inverso disso, completamente inverso. Eu decidi, assim, num estalo, largar tudo, vim morar sozinha, me virar sozinha, fazer faculdade, não ‘tô nem pensando, não que eu não pense em casar um dia, lógico que eu penso, sabe isso não é, pra mim, meta de vida, não é minha meta de vida. Minha meta não é “bom, vou casar”, entendeu? Mas eu te confesso que, há dez anos atrás, se você me perguntasse eu ia falar que minha meta de vida era casar, sim. “Ah, Ju, que que você quer fazer?” “Pô, quero arrumar um cara, casar, ter tantos filhos”, entendeu? Era uma meta de vida pra mim há dez anos atrás. Só que hoje, pra mim, isso não é prioridade. Minha prioridade agora é concluir meu curso, é ser uma excelente profissional, emendar na minha pós, no meu mestrado, entendeu? Eu já ‘tô pensando longe. Eu até, eu comento, às vezes, que eu acho que eu sonho muito alto. Aí tem uma amiga que falou comigo assim: “Ju, você não sonha muito alto. Você sonha o que, é, é, você sonha o que é real, e você sonha porque você vai chegar lá. Porque se você não sonhar, se você não tiver: ‘Bom, vou fazer isso’, você não vai correr atrás de nada, que você vai achar que ‘tá tudo bem, tudo bom.” E, eu não, sabe, eu ‘tô pensando mais além. Já ‘tô pensando daqui um ano e meio, quando terminar a faculdade, que que eu vou fazer, sabe. É muito engraçado, já existe um bolão de apostas se eu volto ou não pra Juiz de Fora. Todo mundo acha que eu num volto, eu também acho que eu num volto, entendeu? Eu também acho que eu num volto, até porque agora eu consegui

cortar esse cordão umbilical, de ter, consegui disvencilá, assim, da minha família, consegui vir pra cá. Eu, eu não sei, sabe? Não sei. Até o convívio agora com eles é diferente. Quando eu vou pra lá, é diferente. Eu fico assim: “Ai, mãe, eu quero ter meu canto, minhas coisas. Aqui eu tenho que falar, dividir telefone com meus irmãos, é muito ruim. Lá eu posso falar a hora qu’eu quiser, lá comer a hora qu’eu quiser, lavar roupa a hora qu’eu quiser, lavar a cozinha a hora qu’eu quiser.” Entendeu, então eu acho que isso é, é, isso a UFF me deu assim, a vida acadêmica que me deu, sabe. Essa consciência, assim, de pensar além, sabe, pensar além daquele mundinho ali dos Valentins, que são, é o sobrenome da minha mãe. Pensar além daquele mundinho ali dos Valentins, sabe. É, a Academia é que me deu isso, sabe. As pessoas que eu conheci, os professores que passaram pela minha vida assim, que foram excelentes professores. Eu ‘tô tendo, eu acho que eu posso dizer, pelo menos as meninas do último período falaram isso pra gente, que a gente ‘tá tendo muita sorte com relação a professor. Que nós temos professores, assim, que realmente te, te passam, é, é, não te passam só a matéria, eles te passam realmente conhecimento, sabe, de dar um, um, é, como é que fala? Ah, de, de embutir na sua consciência realmente, é, é, coisas pra que você tenha noção, assim, de ter uma consciência crítica, de ‘tá: “Ó, existe o mundo X e o mundo Y. Agora cabe a você escolher se você vai querer ser X ou se vai querer ser Y.” Mas eles te passam tudo, te dão esse leque de opções pra que a gente ali defina o que quer fazer. Então, eu acho assim, que ‘tá, agora, eu, hoje, com 28 anos, é, não ‘tô onde eu..., não tenho o que eu queria, porque eu achava que, com 28 anos, eu já ia ter muita coisa, mas eu acho que o que eu já tenho já ‘tá, assim, me engrandecendo de uma tal maneira, que o que eu quero é correr atrás de mais, lutar atrás de mais, pensar no meu mestrado pra daqui a pouco, sei lá, quem sabe? Estou aqui em Niterói, quem sabe fazer mestrado lá no Núcleo de Gênero e Raça da USP, não sei, sabe, umas coisas assim.

E, ‘tô aí, né, nessas minhas experiências de faculdade, nas minhas experiências de estágio. Agora ‘tô tendo uma experiência nova com idoso, que ‘tá sendo bem bacana, bem bacana mesmo. Minha primeira visita domiciliar lá nesse estágio novo foi no, no Morro do..., aqui em cima no Morro do..., nesse Morro do Estado, né. Morro do Estado esse daqui? [AP: Não sei.] Esse morro aqui. Muito interessante, porque assim, eu já tinha subido no morro da minha tia, né. Mas morro da minha tia é um semi morro. Esse daqui é morro, morro, né, que tem tumulto, polícia chegando. Achei uma maravilha, falei assim: “Gente, meu mundo é esse”. Assim, de, de, de, pra eu investir assim, em, em, como é que fala? Eu gostei daquela experiência, sabe, de ir na casa do povo lá pobrinho, de ‘tá conhecendo, de saber o que que é. Do mesmo jeito que eu gostei daquela experiência da emergência, sabe? De ver o povo lá entrando, chorando, ensangüetado, baleado. Não que eu goste disso, não quero ser, né, não é que eu goste de sangue, nada disso. Mas, aquela agitação, sabe, mexeu comigo realmente. Falei: “Caramba, me descobri. ‘Tô na profissão certa”, assim, acho, não, tenho certeza. Até um ano atrás, eu falava que eu achava que eu ‘tava na profissão certa, agora não. Eu tenho certeza que eu ‘tô na profissão certa, é, acho que ‘tô no caminho certo, assim, pensando do jeito que eu ‘tô pensando, fazendo as coisas do jeito que eu ‘tô fazendo, nos seminários que eu participo, acho que eu ‘tô no caminho certo. E agora é daqui pra mais, é, daqui pra mais pra dar seqüência na minha historinha, né. Pra ver até onde

que vai dar. Eu acho que era isso, não sei se você precisa saber de mais alguma coisa...

AP: Não, é, assim, é que 'cê falou um pouquinho, assim, dos seus filhos... Aí, tem alguma coisa que você gostaria de ensinar pra eles, assim, alguma...¹

J: Olha só, eu sonho, todo mundo ri quando eu falo isso, me chama de racista, eu sonho me casar com um negro, alto, básico, entendeu? Então assim, se eu casar com um negro, porque já 'tá todo mundo apostando que eu não vou, só pra pagar minha língua, não vou. Se for, eu, mas assim, tirando isso, é, é, essa coisa de identidade, de raça e tal, que eu acho que, eu vou, eu vou querer embutir isso nos meus filhos, sabe. A ter essa consciência de identidade que eu não tive. Eu não tive essa, essa consciência. Não que, ah, vou recriminar, recriminar meus pais por isso, não, porque eles também não tiveram, sabe. Foi feliz na minha infância, os conhecimentos que eu adquiri com eles foram válidos, tanto é que eu 'tô aqui hoje falando pra você hoje das experiências que eu tive de vó, de vô. Então foram super válidos, o que eles me ensinaram. Assim, de não existir Papai Noel, que o meu pai contou, não existir Coelho da Páscoa. Então, assim, foi super válido as experiências que eles passaram pra mim. Mas uma coisa que eu acho que eu vou querer embutir nos meus filhos é essa coisa da, é, é, de tentar incutir neles essa coisa da identidade, do se valorizar, do se gostar, sabe. Eu, eu vou querer passar isso pros meus filhos. A coisa do conhecimento, eu vou querer, o mais cedo que eu puder, é, permitir a eles, é, adquirir o máximo de conhecimento possível, sabe. É, na escola, vou fazer o máximo..., por isso que eu penso, assim, o dia que eu decidir ter filho vai ser quando eu tiver, vai ser quando eu puder sustentar mesmo. Porque eu quero, eu não quero que meu filho trabalhe cedo. Porque se eu tivesse escolha, eu não teria trabalhado, estudando, tinha só estudado, entendeu? Até o último fim lá da série, entendeu, eu tinha estudado o máximo que eu podia. Porque eu acho que isso é uma coisa muito importante, assim, como, 'tô hoje com 28 anos, eu não tenho curso de inglês. E isso pra mim vai, vai fazer falta daqui um ano e meio quando for tentar mestrado. Se eu não começar a correr atrás agora, eu não vou conseguir fazer mestrado porque eu não tenho inglês, entendeu? Então, acho assim, uma das coisas que eu vou querer embutir nos meus filhos é isso, é, é, essa coisa da identidade, né, dessa, dessa auto-valorização, que eu acho que independente de que cor eles sejam, eles, né, essa coisa de: "Ó, se gostem como pessoas." O respeito, porque é uma coisa, isso sim, minha família me deu assim, é, meu pai e minha mãe me deram com primor essa coisa do respeito com o outro, sabe, com outra pessoa, com outro ser humano. Eu acho que é até por isso que eu sou o que eu sou hoje, que as pessoas gostam, gostem de mim, assim, briguem, assim, por mim: "Não, tem que ser...", por conta disso. Porque essa coisa do respeito com o outro meu pai e minha mãe embutiram isso em mim. Então acho que vou querer incutir isso nos meus filhos também, essa coisa de respeitar o outro, e essa coisa do conhecimento, sabe, aprendeu a ler, vamos fazer cursinho de informática, vamos fazer cursinho de inglês, vamos fazer cursinho de espanhol, sabe. Eu vou querer que eles aproveitem o máximo que eles puderem nessa coisa da educação, vou querer, vou fazer, vou pentelhar,

¹ A pergunta foi mal formulada, seria para perguntar o que ela gostaria de ensinar aos filhos quando ela os tivesse, pois a entrevistada não possui filhos ainda.

assim, pra fazer faculdade, sabe, pra... Tudo bem, eu posso 'tá, é, é, aquela coisa, né, obrigando eles a serem uma coisa que eu não fui? Não, mas eu vou dar esse leque pra eles, que foi um leque que eu não tive, sabe, foi, eu não tive. Eu vou dar essa opção pra eles: "Ó, faz assim, entendeu? Tem isso... Pode fazer isso, isso e isso." Eu vou querer fazer isso com os meus filhos, né, pra, pra que eles é, não cheguem tão lá na frente, eu não 'tô falando que eu 'tô prejudicada, mas assim, vou ter de correr atrás, pra que eles não tenham que, quando tiverem mais velhos, ter de correr muito atrás, entendeu? Que correr atrás vai ter que correr memo, porque a vida é assim. 'Cê tem que correr atrás daquilo que 'cê quer. Mas pra que eles não tenham que passar numa velocidade muito, na sabe, ter que apertar o passo pra conseguir alcançar, eu vou querer embutir isso neles, essa coisa do conhecimento bem cedo, e, da identidade e do respeito, assim, com o outro. Eu vou querer incutir neles.

AP: Algum sonho, assim, pra realizar?

J: Sonho? Nossa, tem tanto sonho, Ana Paula. Tem tanto sonho: quero ter minha casa, quero..., tudo sonho material, olha. Quero ter minha casa, quero ter meu carro. Mas eu acho que agora, no momento, no momento o meu sonho é, eu 'tô pensando em fazer um, eu 'tô pensando, não, tem que parar com isso, eu vou fazer. Minha monografia vai ser sobre, é, negros lá em Juiz de Fora e tal, identidade do negro em Juiz de Fora. O meu sonho, no momento, é conseguir fazer essa, esse TCC, fazer esse TCC virar uma monografia, assim, virar minha tese de mestrado. Meu sonho, assim, acadêmico, vamos falar, então, vamos falar em partes, né, meu sonho acadêmico é que meu TCC se transforme na minha tese de mestrado, meu sonho acadêmico. Meu sonho pessoal, aí, ter minha casa, meu carro na garagem, sozinha ou acompanhada, não sei. É melhor, é lógico, se eu tiver acompanhada, entendeu? Com aquela, eu vou ter que parar de falar "negro, alto, não sei o quê", porque todo mundo: "Pô, Ju, tu vai casar com um branco, não sei o quê", então vou parar de falar com um negro alto e tal, mas é, meu sonho é ter minha casa, o meu sonho material, né, ter minha casa, com um carro na garagem. E meu sonho, vamos dizer, sei lá, não sei se pode dizer sonho sentimental, não sei. Ser feliz, assim, sabe? Ser feliz, assim, o máximo que eu puder. E, e eu, eu li uma vez, não me lembro onde, que felicidade, assim, que a vida, é, felicidade plena não existe, né. Felicidade plena não existe. Existem momentos felizes, então assim, é cada, cada um é, fazer, torcer, né, ou então assim, é, é, permear sua vida pra que ela tenha mais momentos felizes do que momentos tristes. Então, eu, no meu sonho é eu ter na vida mais momentos felizes do que momentos tristes, então eu penso muito assim, sonho muito nisso, corro atrás disso, pra que eu tenha mais momentos felizes do que momentos tristes. Que aí (eu momento mais feliz, momento mais feliz ?) fica todo mundo feliz, eu vou ficar feliz. Momentos tristes a gente vai deixando pra lá, vai passando por cima. E vamô levando o barco, né, vamô tocando o barco.

AP: É, o que que você diria que é importante na construção da sua identidade? Assim, só pra reforçar.

J: Que que eu diria que é importante na construção da minha identidade? O que que é importante? Ué, não sei. Importante? Primeiro, me conhecer. Eu

acho que, que primordial é me conhecer e eu ainda não me conheço. Não me conheço. É..., eu tenho muita curiosidade, até falei isso com o meu pai uma vez, que eu vou sentar com ele pra montar nossa árvore, assim, né. Porque eu quero saber, porque eu acho que parte daí também. Eu me conhecendo, conhecendo as minhas origens reais, porque eu conheço até meu avô, minha avó. Só. Bisavô, não sei, não sei. Então acho que a minha formação, é, é, pra construir minha identidade eu tenho que me conhecer ainda mais, qu'eu ainda não me conheço, e, e talvez me interar um pouco mais dessa questão da, é, como é que eu vou te falar? Ô, meu Deus! Ah, me interar um pouco mais dessas coisas que, do que realmente valoriza essa minha identidade, sabe, e eu não sei. Não sei se eu fui clara, né, não sei se deu pra esclarecer um pouco, mas eu acho que é isso. Primeira coisa, assim, primordial, é eu, eu me conhecer, assim. Não me conhecer "eu, Juliana", eu sei: eu sou eu, Juliana. Eu sei disso, mas eu acho que vai muito além disso, sabe, além da, muito além de saber quem eu sou, "eu Juliana." Eu não sou só isso. Então acho que a minha identidade, a formação dela vai a partir daí: d'eu me conhecer, e, e tentar correr atrás das coisas que, que compõem assim, essa identidade, que formem essa minha identidade. Não sei, não sei se eu me fiz clara, mas é uma coisa que eu nunca tinha parado pra pensar, assim, entendeu, no que é fundamental. Me preocupa muito, né, tanto é que eu, eu, toda vez que eu me lembro, eu converso com os meus irmãos, sobre, sabe, sobre essa questão, sobre essa coisa de identidade, não sei o quê, mas eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Que, talvez, seria primordial, então, né, pra construção dessa identidade. Não sei, talvez primordial seja esse, talvez seja se conhecer, que a partir do momento que você se conhece, você vai, pô, isso, assim, então peraí, então tem que valorizar mais isso porque faz parte de mim, entendeu? Umassim assim.

AP: Tem alguma história, mais alguma coisa que você gostaria de falar, assim...

J: Ih, tem muita história, Ana Paula, acho que eu não me lembro, assim. Não, tem muita história...

AP: Então, assim só pra concluir, né, é, que que significa pra você ser assistente social, né, dessa sua escolha, que você fez?

J: Nossa, pra mim assistente social significa ser tanta coisa. Pra mim, pra mim, principalmente, eu acho, pra mim, Juliana, é, que faço parte da família Santos e da família Valentim, acho que primeira coisa, assim, de ser assistente social, é, ser livre. Assim, nessa concepção de família, é, livre. Acho que a partir do momento que eu escolhi essa profissão, que eu 'tô aqui, é, é, eu me libertei de várias, várias amarras que vinham lá da minha, da minha família: "Não, você 'tá aqui, você tem que ser assim." Não, me libertei. Então acho que a primeira coisa, pra mim ser assistente social é, é ser livre. Segundo, é, é ser um profissional que atua num meio, a gente atua num meio muito complicado, assim, que o assistente social trabalha com essa coisa da relação social, que é super complicado. Por que, onde tu vai trabalhar relação social, num país tão enrolado quanto o nosso, com uma situação hiper, super desigual? Como que tu vai falar prum homem que mora embaixo da ponte, entendeu, explicar pra

ele que ele 'tá daquele jeito por conta da globalização, entendeu? Uma coisa meio, meio coisa... Mas eu acho, pra mim que, é, é, em matéria de família, é ser livre. Em segundo, é ser forte, assim, porque eu, eu, eu acho que depois que eu concluir meu curso, eu vou 'tar, acho, não, já 'tô nisso, porque é, é, você tem que 'tar forte pra n, n, n situações, assim. 'Cê tem que, é, se fortalecer pra 'tá vendo as coisas, e às vezes, e fechar o olho, porque assim, não vai conseguir resolver tudo. Infelizmente, a gente não vai conseguir resolver tudo. É o meu sonho resolver tudo, entendeu? Eu queria dar casa pra todos os moradores de rua, eu queria dar comida pra todo mundo que 'tá passando fome, eu queria, é, é, é, como é que fala? Igual ontem, lá no negócio do GLBT, GLTB, que eu sempre confundo, lá dos homossexuais. Eu queria que eles pudessem andar na rua de mãozinha dada, feliz da vida, beijar na boca, mas não é assim que funciona, não é assim que funciona. Então acho que é, acima de tudo, ser assistente social é ser forte. Pra mim, particularmente, é ser livre, por conta dessa, dessa, dessa amarra que eu quebrei assim da minha família, e segundo, ser assistente social é ser, é ser forte, é ser um ser humano forte acima de tudo, porque você vai esbarrar com muita coisa, você vai ver muita coisa, e não vai poder fazer nada, às vezes. E é complicado, porque você estuda quatro anos, pra chegar no final da faculdade e falar: "Caramba, 'tá com isso aqui na mão, não posso fazer nada", porque não depende só de você, porque você vive num mundo, numa sociedade que é capitalista, aquela coisa toda, né. Vive numa sociedade, e que as coisas não funcionam, é, é... Infelizmente, as coisas não funcionam assim, corretamente, vamos dizer assim, né. É..., não tem comida pra todo mundo, não tem grana pra todo mundo, até porque não pode ser assim, que se for assim, como é que vai funcionar o capital (ininteligível)? É complicado, então acho que é, palavras fortes assim pra, pra, entendeu? Pra amarrar, é isso: pra mim, Juliana, é ser livre e, em segundo lugar, é ser forte. É isso.

AP: Então, 'tá.

FIM DA ENTREVISTA

ANEXO

No dia 23 de novembro de 2004, houve uma nova sessão de entrevista, para esclarecer alguns pontos, novamente na casa da entrevistada. Esta sessão não foi gravada; as respostas foram anotadas e, posteriormente, conferidas pela mesma.

- 1) “Serviços de mirim” (p. 6): são os serviços de *office boy*, contínuo.
- 2) “Prova fechada” e “prova aberta” (p. 13): prova fechada é a prova de múltipla escolha, também conhecida como prova objetiva; prova aberta é a prova discursiva.
- 3) Sobre as atividades desempenhadas nos estágios atuais:
 - No IBASM: o Serviço Social, no IBASM, trabalha no Projeto Atividade, de trabalho com a terceira idade. Realizam passeios, atividades de socialização, atividades físicas, visitas domiciliares aos pensionistas que não tem como ir ao instituto fazer a renovação do cadastro, que ocorre de 6 em 6 meses.
 - Na Emergência do Hospital Universitário Antônio Pedro: o Serviço Social esclarece sobre direitos do paciente, trabalho de socialização com os doentes (principalmente idosos e moradores de rua), apoio familiar e orientação dos direitos do paciente para a família, mulheres e crianças espancadas recebem orientação (criança é encaminhada ao Conselho Tutelar; no caso da mulher, existe um grupo especial de assistência social), atendimento de pacientes psiquiátricos, suicidas. Fazem visita diária aos leitos, na busca de casos sociais.
- 4) Sobre as perspectivas de trabalho, após a formatura: entrevistada se encontra empolgada com a área de saúde, e se for voltar para Juiz de Fora, será para trabalhar nessa área, por se tratar de um campo de trabalho muito bacana. Demonstra interesse também em trabalhar na CEMIG, para inovar o Serviço Social dentro da empresa; de um modo geral, vê boas perspectivas de trabalho (com idosos, com crianças). É uma profissão que demanda muito estudo, mas que também o bom profissional sempre acha o seu lugar, mesmo que seja difícil.